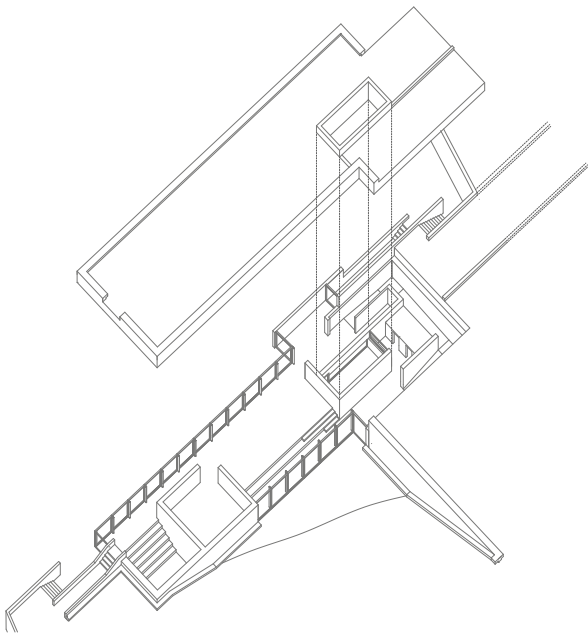


VOLUME UM DE DOIS

DA VONTADE DE CRESCER,  
PROJECTO DE EXPANSÃO DA CASA *DE DOCIM*



DA VONTADE DE CRESCER      VOLUME UM      FAUP      DISSERTAÇÃO DE MESTRADO      2018







DA VONTADE DE CRESCER

PROJECTO DE EXPANSÃO DA *CASA DE DOCIM*



Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto  
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Docente Orientador: Professora Doutora Raquel Alexandra Geada e Paulino  
Autor: João Maria Ferreira de Melo de Sá Couto



## Agradecimentos

A todos os que me ajudaram ao longo deste percurso.



A presente dissertação foi escrita de acordo com a antiga ortografia, por opção do autor.





## Índice

RESUMO   ABSTRACT	13
OBJECTIVO   OBJECTO	19
ESTRUTURA	29
APROXIMAÇÃO	33
INTERVENÇÃO 2012	59
DA VONTADE	81
<i>INTERFERÊNCIAS</i>	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135



## Resumo

Este trabalho nasce da oportunidade de expandir uma Quinta, localizada na freguesia de Quinchães e no concelho de Fafe, para lá dos seus limites actuais. A Casa de Docim é uma quinta secular com uma história própria que se foi reescrevendo e sedimentando ao longo dos tempos. Recentemente, em 2012, ao abrigo de um programa Europeu para o desenvolvimento rural foi totalmente recuperada, tendo sido desde então convertida em turismo rural. A dissertação que se apresenta partiu da vontade de fazer a Quinta crescer e, com a oportunidade de fazer uma nova candidatura a um novo programa co-financiado, promover o desenvolvimento rural.

No contexto do novo programa de financiamento partimos para o desenvolvimento do projecto que se apresenta tendo em conta um conjunto de necessidades e objectivos, designadamente a urgência de albergar todo um espólio de livros da família, bem como dar programa e sentido à área da Quinta que se encontra por explorar. A par desta vontade de qualificar o conjunto e enriquecer o programa já existente, acrescentando novas valências, pretende-se continuar a contribuir para a dinamização da Casa. Assim, propõe-se um projecto de expansão que se pretende consciente e pertinente reflectindo a vontade de dar resposta às necessidades específicas da Quinta, mas também de um território mais alargado contribuindo para a promoção do seu desenvolvimento.

A reflexão de índole teórico prática que se desenvolveu e se apresenta centra-se no próprio projecto e no processo criativo que lhe dá origem, particularizando um conjunto de questões que nele interferem e importa destacar.



## Abstract

This work had its origin in the opportunity to expand a Farm beyond its current limits, a farm which is in Quinchães, in the city of Fafe. Casa de Docim is a centenary farmhouse with a history of its own that has been rewritten and enriched over the years. Recently, in 2012, under an European programme for rural development it was fully recovered and it has been transformed into rural tourism. The dissertation is based on the desire to make the Farm grow and, with the opportunity to apply for a new co-financed programme, promote rural development.

In the context of a new funding programme, we started with the development of the project, which takes into account a set of needs and objectives, namely the urgency of hosting an entire collection of family books as well as offering programme and meaning to the area of the Farm that is underdeveloped. Along with this desire to qualify the whole area and enrich the existing programme by adding new facilities, we intend to continue to contribute to the growth of the House. Thus, an expansion project is proposed which pretends to be conscious and relevant, reflecting the ability to respond to the specific needs of the Farm, but also of a wider area contributing to the promotion of its development.

The theoretical and practical reflection that has been developed and presented focuses on the project itself and on the creative process that is being born, specifying a set of issues that interfere with it and which are important to highlight.



Objetivo . Objeto





## Objectivo

Era necessário reerguer a Casa, recuperar e dar vida à Quinta que se encontrava em ruína. O valor patrimonial e acima de tudo o valor sentimental que esta Quinta representa para a Família foram o mote para a intervenção operada em 2012. Foi, assim, ao abrigo de um programa europeu para o desenvolvimento rural parcialmente recuperada. Surge agora a oportunidade de continuar este processo de recuperação e expandir a Quinta para lá dos seus limites atuais.

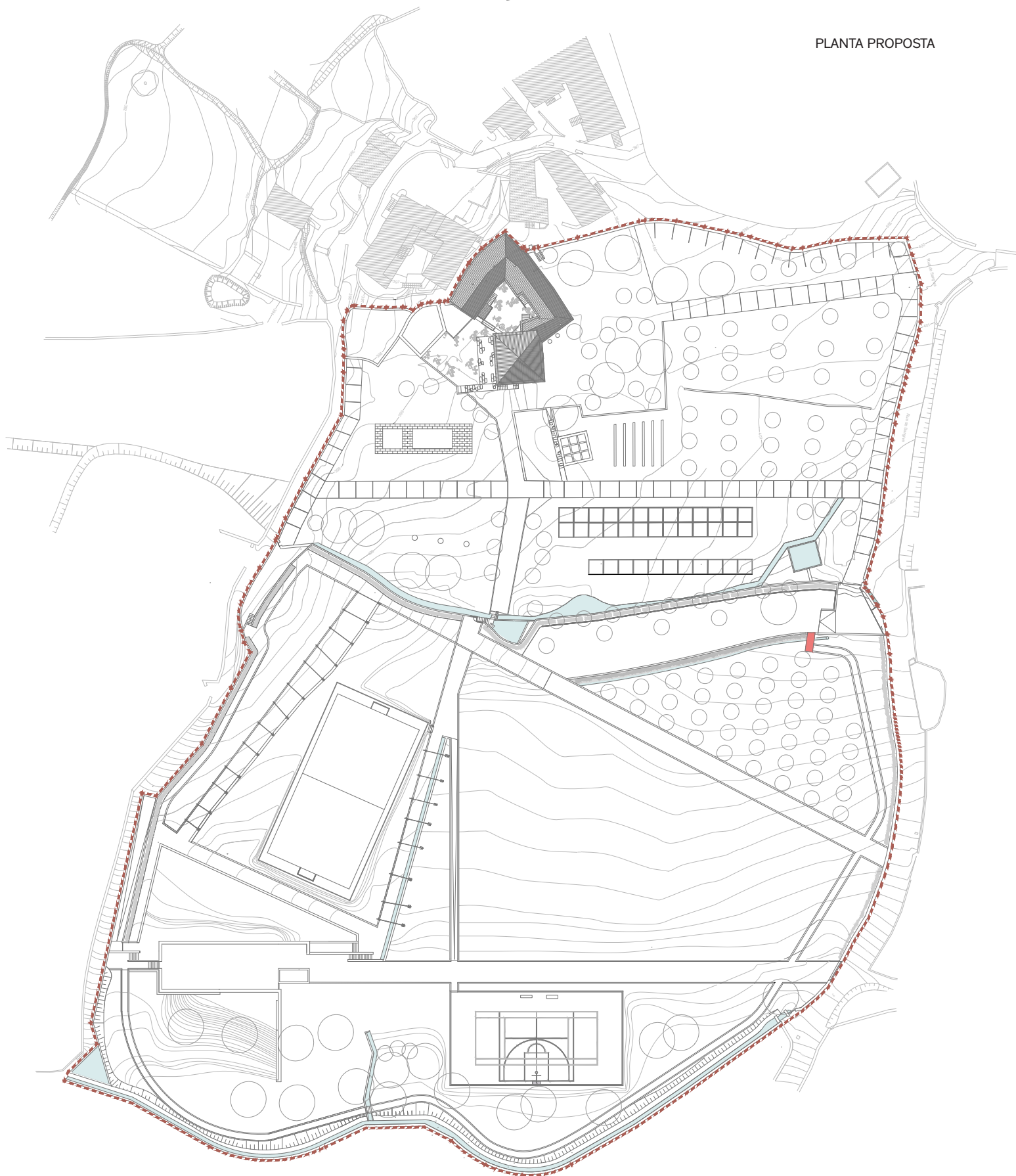
Esta dissertação tem assim como objetivo o desenvolvimento de um projecto de expansão para A Casa de Docim, em Quinchães, mais concretamente na aldeia de Docim. O objecto de estudo, A Casa de Docim, é uma quinta secular dos meus bisavós recheada de história e memórias que pretendíamos preservar. Assisti à sua degradação ao longo do tempo até ficar num estado de completa ruína e foi com grande entusiasmo que a vi reerguer-se e tornar-se no que é hoje.

É, assim, uma grande satisfação poder realizar como primeiro projecto em contexto próximo do profissional fazer crescer a Quinta.

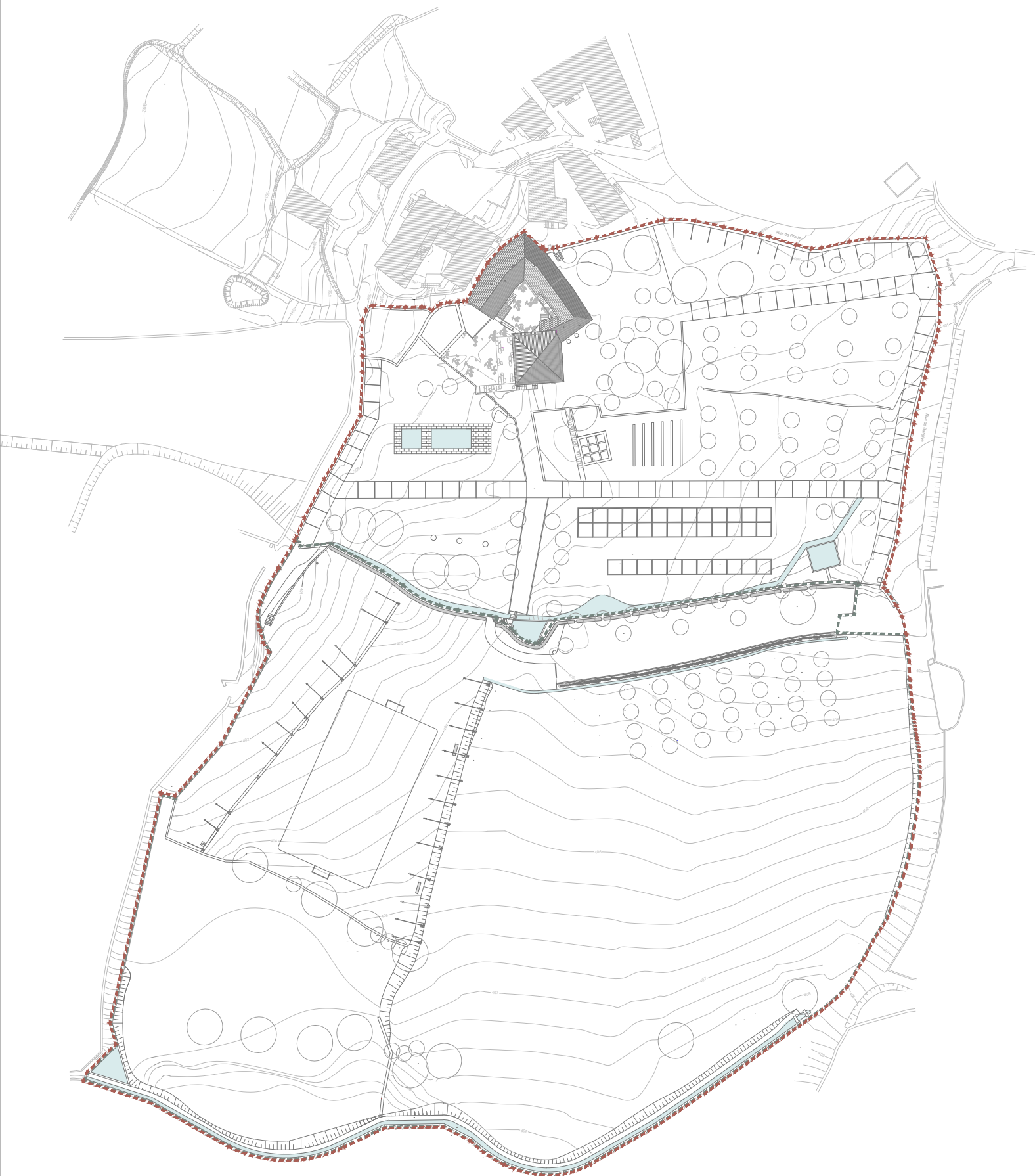
Interessou-nos, desde o início, desenvolver o projecto numa lógica de expansão sustentável, assente no aproveitamento dos recursos existentes, procurando acrescentar valor à Quinta que se dedica ao turismo rural, mas também, dar resposta a um conjunto de necessidades locais, contribuindo para dinamização da aldeia.

Propõe-se, assim, a construção de novos arruamentos que se articulam com os já existentes; uma zona desportiva com campo de futebol e um outro campo híbrido que permita simultaneamente a prática de ténis e basquetebol; o melhoramento do estacionamento existente, estando previsto um novo pavimento em calçada; o desenvolvimento de uma zona agrícola e pomar e de novas zonas verdes que possam proporcionar novos locais de estar. A pedido da família, é também proposto um novo equipamento com biblioteca, um pequeno auditório e sala polivalente, que se pretende implantar em relação com outros espaços e percursos e com a manifesta intenção de se estabelecer uma relação harmoniosa com o lugar e com a paisagem de forma a não a desvirtuar, e a preservar a sua identidade.









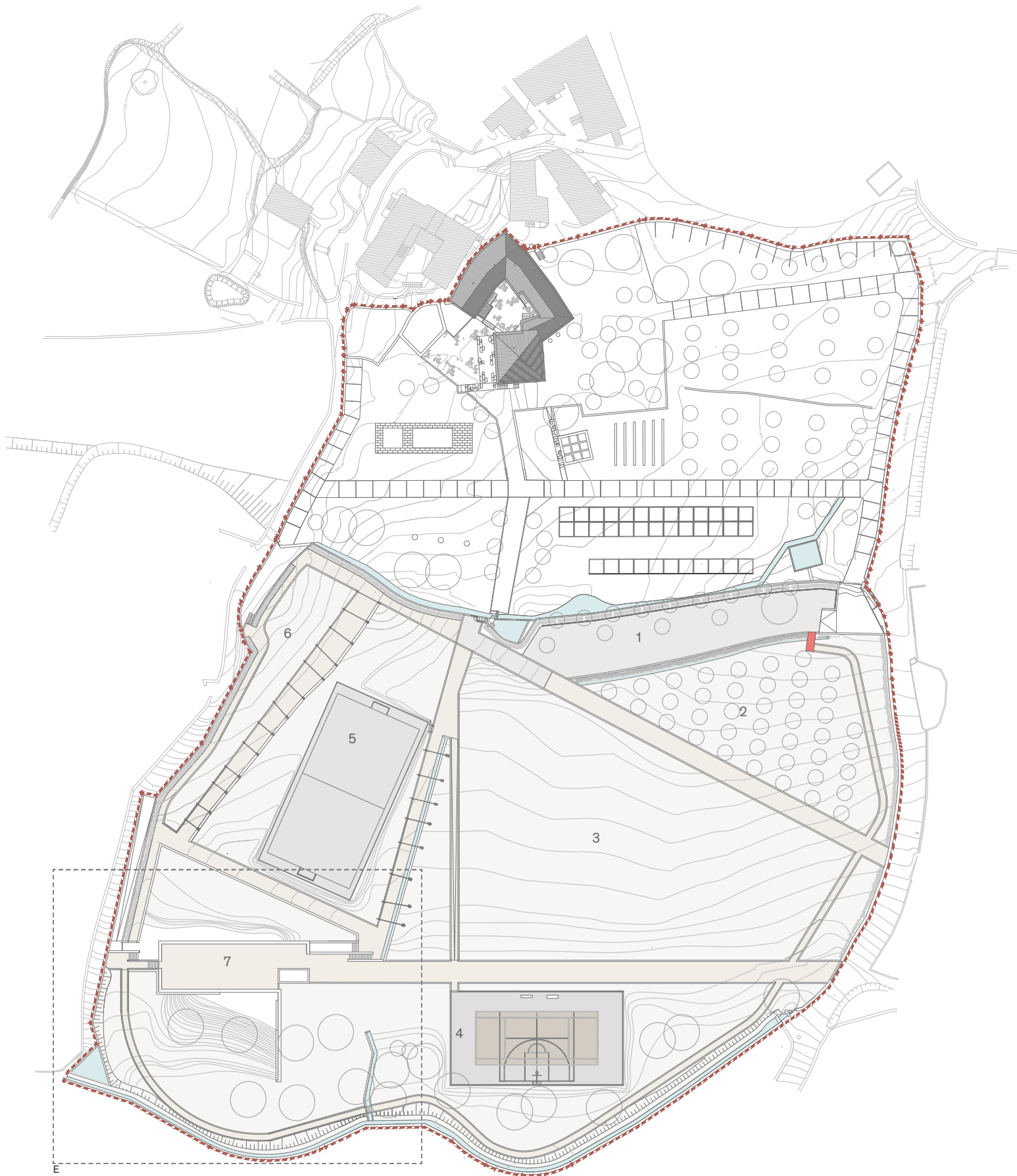
----- LIMITE TERRENO

----- LIMITE INTERVENÇÃO



PLANTA EXISTENTE  
ESCALA 1.1000

- 1- Estacionamento
- 2- Pomar
- 3- Zona agrícola
- 4- Campo híbrido
- 5- Campo futebol
- 6- Zona agrícola
- 7- Volume proposto



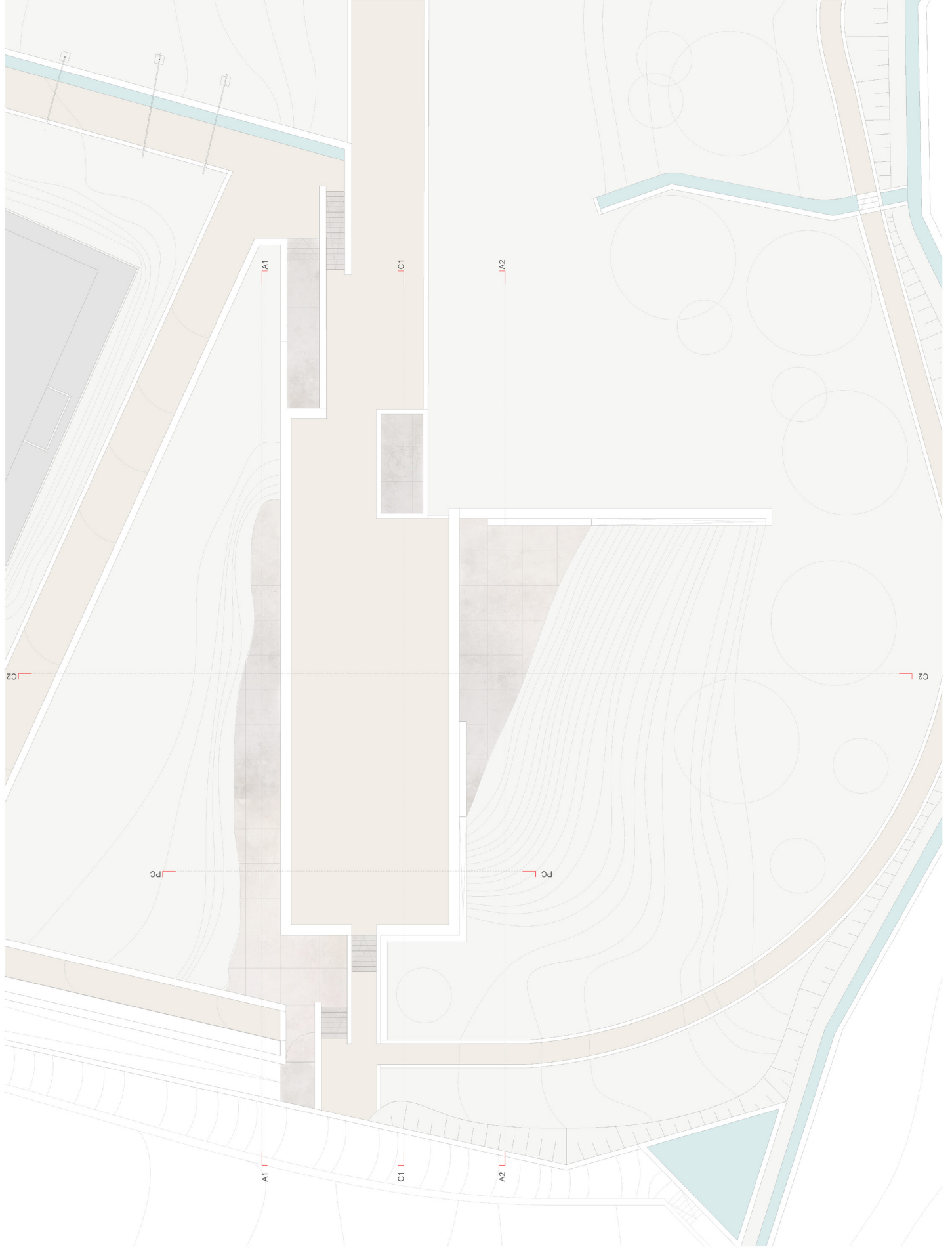
----- Limite terreno

----- Sector E

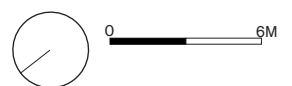


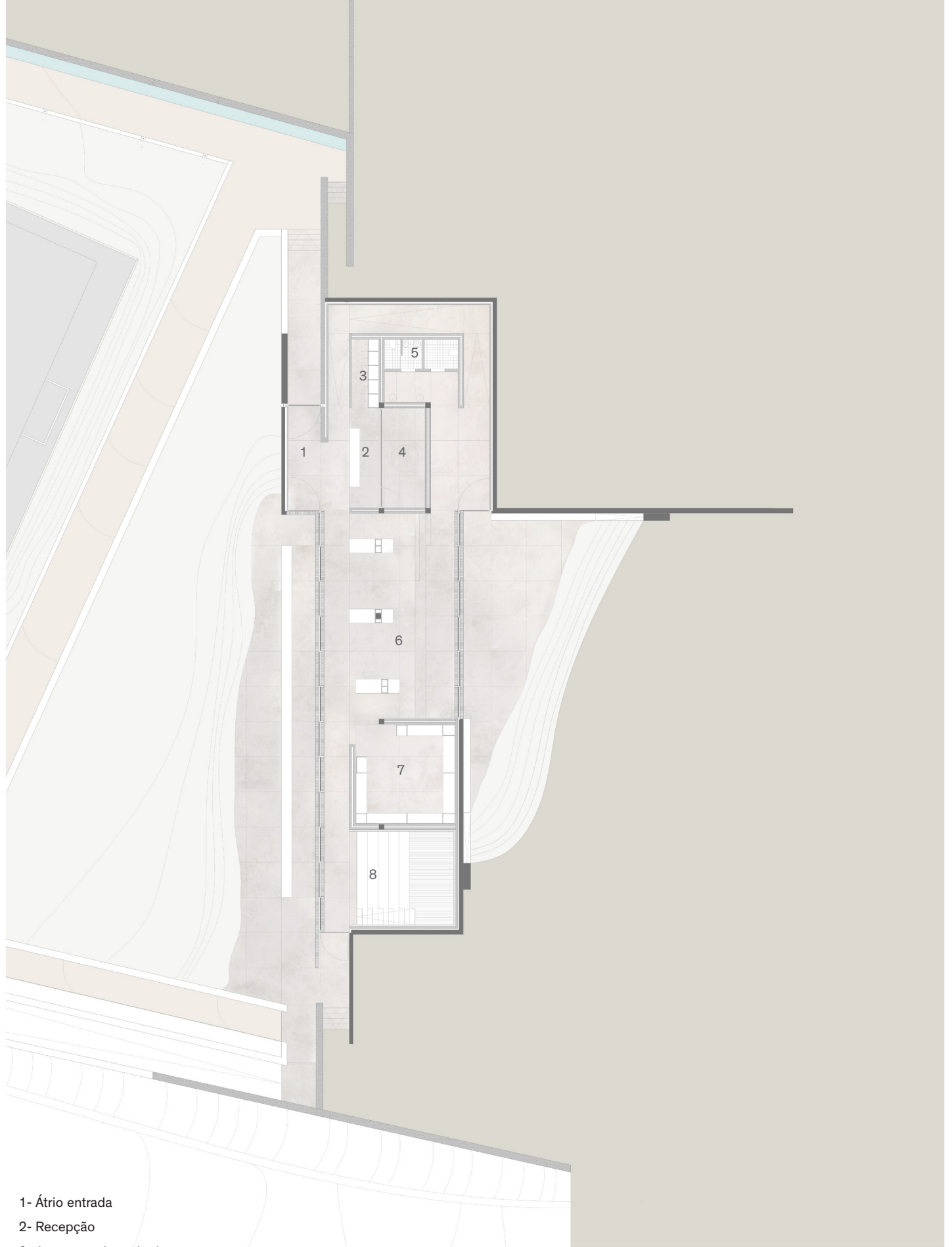
Planta proposta  
Escala 1.1000





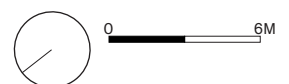
PLANTA COTA 409 SECTOR E





- 1- Átrio entrada
- 2- Recepção
- 3- Arrumos e área técnica
- 4- Pátio
- 5- Instalações sanitárias
- 6- Sala polivalente
- 7- Biblioteca
- 8- Auditório

PLANTA COTA 405 SECTOR E





## Estrutura

Tendo esta dissertação como base um projecto, a narrativa que se apresenta parte de uma análise aos problemas que foram surgindo ao longo do desenvolvimento da solução de projecto, estruturando-se em torno de um conjunto de questões inerentes ao mesmo. Desta forma, procura-se conduzir o leitor através do processo criativo que levou à proposta final, revelando-o.

Assim, a dissertação que se apresenta estrutura-se a partir de uma reflexão que se desenvolveu em torno do percurso de projecto, aclarando o processo de procura de uma hipótese de resposta a um problema concreto que resulta de uma encomenda real.

O foco principal é o projecto, no entanto, sendo este um projecto de final de curso, impunha-se o desenvolvimento de uma reflexão reveladora da tectura e espessura do processo, que o enquadra e lhe dá origem. Assim, para além da apresentação do projecto, apresenta-se os seus fundamentos através de uma reflexão que pretende, simultaneamente, dissecar o processo de concepção arquitetónica, evidenciando um entendimento e posicionamento crítico que se construiu a partir dos seis anos de formação do curso.

Existe uma certa liberdade inerente ao acto de projectar. Como em qualquer área que envolva a criatividade, não existe, uma fórmula de como realizar um projecto. As hipóteses de projecto são múltiplas e infinitas, no entanto, existem certas constantes e temas que não podem, nem devem ser descuradas no acto de projectar. Existe um entendimento, um conjunto de valores e princípios que orientam um permanente processo de aferição e de tomada de decisão do qual emerge a solução. Assim, propomo-nos aclarar esse processo, quase nunca linear e, por vezes, difuso, que conduziu à solução que se apresenta.

Tendo em conta o exposto, a dissertação organiza-se em quatro capítulos dispostos numa sequência lógica em dois volumes, que visam uma aproximação à realidade que enquadra a intervenção.

Numa primeira fase procede-se ao enquadramento do objecto por meio da análise dos contextos geográfico e histórico, respondendo à pergunta “O que foi?”. Consequentemente, desenvolve-se uma análise em torno do contexto actual, explicitando o projecto de intervenção operado em 2012 e que se mantém até hoje, formulando, assim, a resposta ao “O que é?”. Posteriormente, apresenta-se uma reflexão acerca do que se pretende no futuro. Assim, desde a definição do programa que se considerou útil e pertinente, tendo em conta os interesses da família e as necessidades locais, evidencia-se um conjunto de interferências e de condicionantes projectuais que consideramos determinantes na concepção do projecto.

Assim, a estrutura da dissertação espelha o processo desde a definição do Problema à consequente procura da Solução.

Por último, apresenta-se um segundo volume sob forma de conclusão de todo o processo no qual se apresenta o conjunto desenhos da proposta de ampliação da Quinta desenvolvida.

Aproximação



## Contextualização

A Casa de Docim localiza-se na freguesia de Quinchães em Fafe, pertence ao distrito de Braga e à Sub-Região NUT III/ Ave, que compreende uma área total de aproximadamente 1246,2 Km<sup>2</sup>. O Ave tem a particularidade de apresentar uma densidade populacional cerca de quatro vezes maior do que a média nacional, sendo o número de habitantes aproximado de 512.600 mil, o que a torna a segunda região mais importante do Norte do País, logo a seguir ao Grande Porto. Fafe está subdividida em 36 freguesias. O município é limitado a norte pelos municípios de Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho, a leste por Cabeceiras de Basto e Celorico de Basto, a sul por Felgueiras e a oeste por Guimarães. É banhado pelo Rio Vizela.

O clima, directamente influenciado pela localização geográfica, mas também, pela altitude, é quente e seco no verão e temperado e húmido no resto do ano.<sup>01</sup>

Os 40 min que dista da área Metropolitana do Porto torna-a uma região acessível ao sistema de autoestradas nacionais e aos mercados europeus, situação que tem vindo a melhorar com a entrada em funcionamento da A7 e da A11. Dista ainda do Gerês a apenas 30 minutos e a 5 minutos do Centro de Fafe.

De salientar, o facto da freguesia de Quinchães, para a qual se apresenta a proposta de intervenção, possuir um inegável património histórico, destacando-se os vestígios de ocupação pré-histórica mais concretamente um reduto fortificado; a presença de núcleos rurais medievais como os de Montim e São Lourenço e, ainda, a ponte medieval de Docim.

A Casa de Docim insere-se num terreno com uma área total de 22883 m<sup>2</sup>, privilegiada ainda por uma exposição abrangente, de nascente a poente. É uma casa rural simples, que remonta ao século XVIII, com um património e uma envolvência rica e diversificada. Os caminhos que permitem percorrer toda a Quinta são de saibro e protegidos por árvores centenárias.

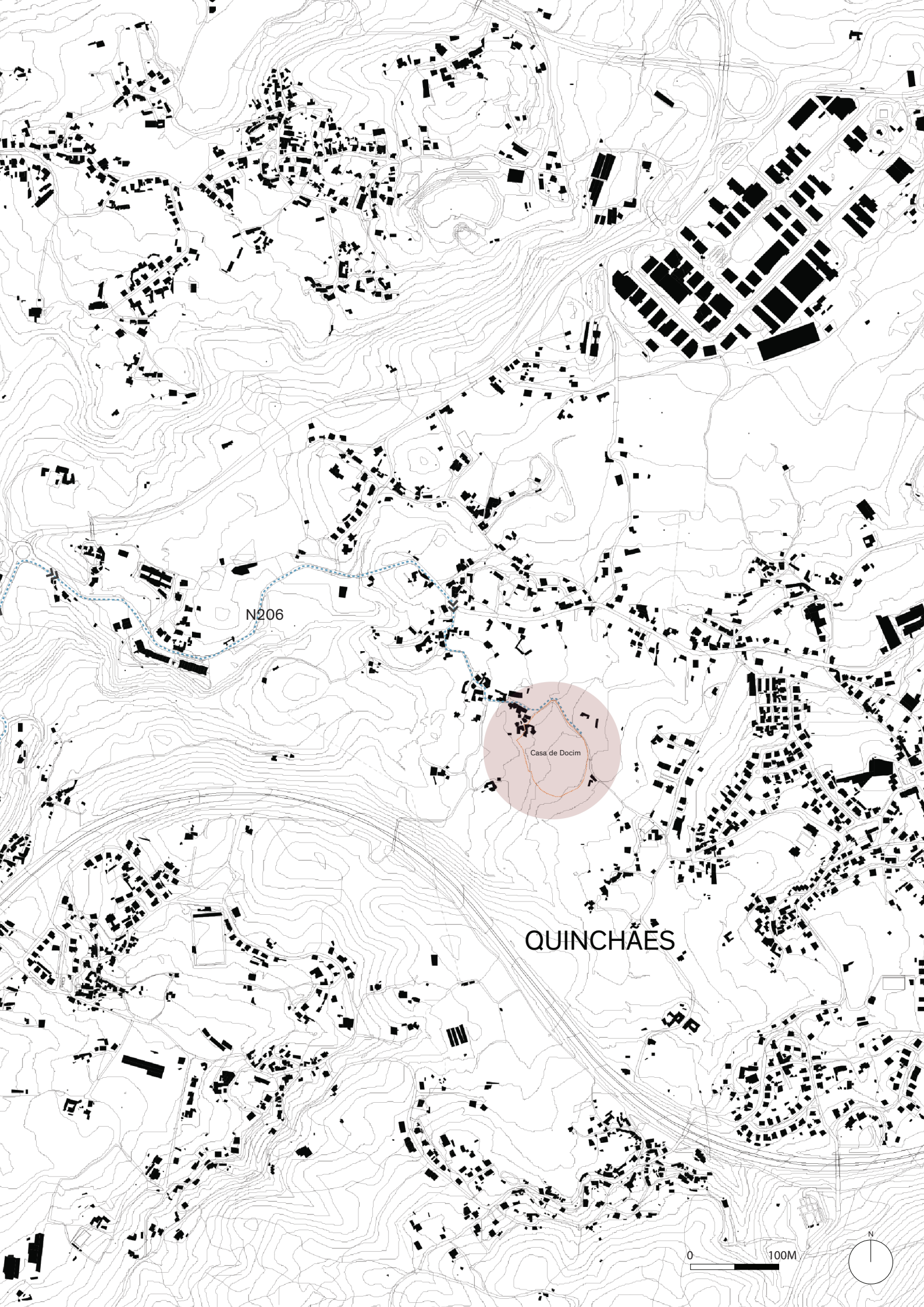
---

01 GOMES, Paulino; Belmiro Pinto da Silva : Fafe: Nos montes longos do minho, 2ªedição Anégia Editores p.83









N206

Casa de Docim

QUINCHÃES

0

100M

N



## A Paisagem

*Fafe é conhecida entre os caminheiros como uma terra de bons trilhos a descobrir. Apesar de ter ido a Fafe mais do que uma vez, nunca tinha feito nenhum trilho local. Como já ouvira falar bastante da Barragem da Queimadela, decidi aproveitar para conhecer a caminhar. Escolhi o PR4, um pequeno percurso de cerca de 3 km.*

*O trilho é chamado de trilho verde da marginal por ser um percurso circular à volta da barragem da Queimadela, um fantástico espelho de água.*

*O dia estava fantástico e desta forma o lago da albufeira era um verdadeiro espelho na água.*

*Iniciei o percurso junto ao paredão da barragem.*

*A vista a jusante da barragem.*

*O paredão e a água a escorrer. (...)*

*Pouco depois, o trilho abandona um pouco as margens da barragem e segue por um antigo caminho até um pequeno lugar, onde apenas existem algumas casas.*

*Belos espigueiros e a respetiva eira.*

*Sinais do passado.*

*Gostei da perpendicularidade das linhas das pedras da casa.*

*O caminho bifurca à direita e abandona este local.*

*Mais um espigueiro, mas desta vez, um renovado.*

*O trilho passa a ser relativamente estreito e adquire outro encanto.*

*Leva-nos à aldeia recuperada do Pontido.*

*A aldeia do Pontido é uma aldeia turística recuperada, onde tudo foi reconstruído com bom gosto.*

*Por ali corre o rio Vizela ainda com água límpidas e despoluídas.*

*Passar pelas ruelas da aldeia é mesmo muito agradável.<sup>02</sup>*

---

<sup>02</sup> Autor desconhecido, disponível em: <https://darasola.blogs.sapo.pt/33945.html>. Acesso em 15 de Maio de 2018

*A paisagem é uma materialidade, feita de outras múltiplas materialidades, que sobre uma estrutura genésica definida por componentes morfológicas, matriciais, como são o relevo-solo, a vegetação e a água, se constrói.*<sup>03</sup>

A envolvente próxima à area de estudo é predominantemente rural. *Distinguem-se com relativa facilidade três unidades de paisagem perfeitamente enquadradas por este meio físico: as áreas de montanha, as de meia encosta em socacos e as de vale.*<sup>04</sup> Não existem construções de grande escala, inserindo-se numa paisagem agro-pastoril que predomina no interior de Portugal. Destacam-se os trilhos pedestres, os muros de parcelamento e a arquitectura marcada por um património vernacular associado à produção agrícola.

*A paisagem é a expressão da existência e forma de representação, no espaço e no tempo da relação que o homem estabeleceu com a Natureza.*<sup>05</sup>

Nesta região, abraçada pela Serra da Lameira e banhada pelo rio Vizela, somos invadidos por uma sensação de calma, de refúgio e conforto. É uma sensação de permanente contacto com a natureza. Ouve-se o correr das águas e o chilrear dos pássaros. Ressalva-se as vistas panorâmicas sobre as freguesias circunvizinhas e, sobretudo, o núcleo citadino de Fafe, que se estende a seus pés.<sup>06</sup>

Verifica-se, também, a existência de uma grande quantidade de casas em avançado estado degradação e até mesmo em ruína, característica evidente em grande parte do interior de Portugal, que se explica em parte pela falta de apoios e políticas destinadas ao desenvolvimento do interior de Portugal em detrimento do litoral. Como consequência desta ausência de políticas e às disparidades de condições que até hoje existem entre o mundo rural e os núcleos urbanos, assistiu-se ao deslocamento das populações para os núcleos urbanos e ao abandonando do mundo rural. Este fenómeno, êxodo rural<sup>07</sup>, também nesta aldeia deixou as suas marcas.

---

03 Associação dos Arquitectos Portugueses - Arquitectura Popular em Portugal, Volume I. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1961, p.65

04 GOMES, Paulino; Belmiro Pinto da Silva : Fafe: Nos montes longos do minho, 2ªedição Anégia Editores p.9

05 Associação dos Arquitectos Portugueses - Arquitectura Popular em Portugal, Volume I. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1961, p.65

06 GOMES, Paulino; Belmiro Pinto da Silva : Fafe: Nos montes longos do minho, 2ªedição Anégia Editores p.83

07 Êxodo rural é o termo que designa o deslocamento de habitantes das zonas rurais para os núcleos urbanos, na procura de melhores condições de vida.













## Materiais



*Portugal é dois países, duas civilizações: a sul, a argila; a norte, o granito.<sup>01</sup>*

---

01 Retirado da curta-metragem de Thom Andersen "Reconversão" sobre a obra de Eduardo Souto de Moura

## O Norte de Portugal

O Norte de Portugal é caracterizado por ser uma região montanhosa onde predomina o granito, material que determina a imagem e identidade da região, designadamente ao nível da sua arquitectura.

*O granito é a rocha dominante neste território, com alguns afloramentos xistosos, sendo o elemento básico de definição tanto da paisagem física original como da paisagem humanizada.*<sup>08</sup>

Esta apropriação dos materiais locais na construção dos assentamentos rurais permitiu que se criasse uma relação harmoniosa entre o natural e o construído. Um saber consolidado ao longo do tempo que permitiu uma adaptação entre o homem e o meio em que se insere. A serra de Fafe é exemplo disso, a abundância de granito é evidente. Citando Ernesto Veiga de Oliveira *onde há pedra constrói-se em pedra.*<sup>09</sup>

*Sente-se grande consolação quando se entra em casa com paredes grossas, que tanto defendem o interior da habitação dos grandes calores no verão, como tornam o ambiente caseiro mais aconchegado nos rigores do inverno.*<sup>10</sup> Uma das principais características do granito é, para além do seu papel estrutural, conferir ao espaço uma grande inércia térmica, favorável ao habitar.

O uso dos materiais da região deve-se sobretudo a uma questão de economia de meios devido à escassez de recursos. Esta apropriação material caracteriza a arquitectura vernacular construída no território português e que permitiu fazer uma construção com sentido no contexto, um claro sinal de respeito pelo lugar e uma adaptação ao meio em que se insere. Uma arquitectura do povo em que é clara uma ligação tradicional entre o homem e o seu entorno.<sup>11</sup>

---

08 TEIXEIRA, Manuel C.- "Arquitectura do granito: Arquitectura popular" Arcos de Valdevez: Municipio, 2014, p.16

09 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando- Arquitectura tradicional Portuguesa. Publicações Dom Quixote , Lisboa, 1992, p.15

10 LINO, Raul - Casas Portuguesas. Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, Lisboa, 1992, p. 27

11 Ordem dos Arquitectos - Arquitectura popular em Portugal. Edição: Ordem dos Arquitectos, 2004, p.5

A arquitectura vernacular encontra-se, assim, marcadamente condicionada ao saber construtivo e à disponibilidade de materiais. O uso dos materiais locais deu lugar ao desenvolvimento de técnicas e de um saber fazer local. É um saber construtivo que evidencia preocupações com a relação entre o lugar e a arquitectura traduzido num saber que vem da necessidade e da razão. *Para Paul Oliver, que há muitos anos se vem dedicando a estudar a arquitectura em arquitectos em todos os continentes, só é vernácula uma arquitectura do povo, feita pelo povo, em que há uma ligação tradicional e herdada entre o homem e o meio.*<sup>12</sup>

Predominantemente arborizada, a paisagem nortenha levou a que a madeira também fosse um material muito utilizado na construção. *Dialoga com a robustez pesada do granito.*<sup>13</sup> A madeira é, desta forma, utilizada maioritariamente *na estrutura do telhado, na estrutura dos pisos, nos tectos e nos pavimentos.*<sup>14</sup> Ao contrário do granito, a madeira tem um carácter mais efémero pois deteriora-se com maior facilidade.

A Casa de Docim insere-se neste contexto construtivo vernáculo, um saber construtivo intrínseco que impera e definiu a identidade rural do norte do país.

---

12 Idem

13 TEIXEIRA, Manuel C. "Arquitectura do granito: Arquitectura popular." Arcos de Valdevez : Município, 2014, p.21

14 Idem, p.73









## A Ruína

*Era é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo ser. Fora é o pretérito mais-que-perfeito de um tempo primordial em que o rural tinha sido um tempo fora do tempo. Era de facto uma casa de granito com inscrições na padieira e que já deve ter conhecido tempos de fartura e prosperidade. Entretanto, desde há muitos anos que já lá está uma vinha onde antes seria o soalho do primeiro piso ou os tectos em masseira de carvalho, uma vinha interior. (...)*

*Neste caso, o que para alguns seria a desgraça de uma ruína, é o encanto da própria ruína. O tema não é de hoje. Desde que (pelo menos) no Renascimento europeu se produziu e alimentou a estética dos despojos da Antiguidade, até ao Romantismo que lhe amplificou os sentidos e a poética, a ruína conservou este valor de patine de museu e de aura de coisa sacralizada.*

*Seria difícil não sentir uma certa nostalgia, a mesma que é capaz de alimentar o interesse e o aumento do valor desta ruína.<sup>15</sup>*

---

15 DOMINGUES, Álvaro - Vida no Campo. Edição Dafne Editora, Porto 2011, p.6



*Lembro-me desse tempo em que via a arquitectura sem pensar sobre isso. Ainda consigo sentir na minha mão a maçaneta da porta, esta peça de metal moldada como as costas de uma colher. Tocava nela quando entrava no jardim da minha tia. Esta maçaneta ainda hoje me parece um sinal especial de entrada num mundo de ambientes e cheiros diversos.*<sup>16</sup>

Estas palavras são de Peter Zumthor, mas senti logo que poderia estar a falar da minha Quinta. Lembro-me quando ainda era criança, quando ainda não percebia nada de arquitectura, da alegria de chegar à aldeia, abrir o portão percorrer o caminho até à casa, passear pela casa abrir portas que me transportavam para um novo espaço, uma nova atmosfera. Lanchar, pegar numa bola, abrir a porta e correr para o jardim. São daquelas memórias que ficam registadas para sempre.

Por tudo isso, com grande pesar assisti à sua degradação. Os meus tios que aqui viviam faleceram, a Casa foi gradualmente perdendo a vida e foi deixada ao abandono. A casa deixou de ter qualquer manutenção. Recordo-me de ver “chover dentro de casa”, paredes caídas, espaços sem chão, uma completa ruína que transportava consigo memórias de um tempo outro, próspero e com vida. Uma Casa do século XVIII que ultrapassou gerações, tornou-se numa das principais produtoras de mel da região tendo até galardoado o meu bisavó com a medalha de ouro da produção nacional, mas que no início deste novo século esteve em iminente colapso.

Da construção principal só o granito subsistia, todas as estruturas ruíram ou estavam na iminência de ruir. O que sobreviveu carregava a herança dos antepassados. A ruína, para além do sentido físico e manifestar um passado na actualidade serve como um veículo de transporte de histórias e memórias.

---

16 Zumthor, Peter - Pensar a arquitectura, Barcelona : Gustavo Gili, 2005, p.17

Carrega em si um verdadeiro significado simbólico que nos impele a indagar “o que foi?” no passado com vista ao que “pode ser”, no futuro. Desta capacidade que a ruína tem de manifestar o passado no presente, denuncia, simultaneamente, uma presença e uma ausência.<sup>17</sup> Por outras palavras, a ruína manifesta uma memória do passado que se fez presente mas ao mesmo tempo revela a ausência desse mesmo passado.

*A interpretação de uma ruína comporta vários momentos. O primeiro é o da sua identificação, respondendo à pergunta: o que foi o edifício? (...). Um segundo momento da interpretação corresponde à elaboração de uma imagem de como seria o edifício tal como ele se apresentaria aos seus contemporâneos.*<sup>18</sup>

A Casa de Docim estava assim. O que foi uma Casa carregada de história, dela só restavam indícios e memórias dos que ficaram para contar.

---

<sup>17</sup> *Fragmento de uma arquitectura do passado, a ruína denuncia, simultaneamente, uma presença e uma ausência. A sua exigência de inteligibilidade é, antes de mais, um convite à reconstrução.* In TAVARES Lino; ALARCÃO, Pedro - Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações 2011, p.7

<sup>18</sup> ALARCÃO, Jorge - “A colaboração de Arquitectos com Arqueólogos” in TAVARES, Lino; ALARCÃO, Pedro - Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações 2011, p.11





















## Intervenção 2012

*Era uma vez uma quinta toda cercada de muros.*

*Tinha arvoredos maravilhosos e antigos lagos, fontes, jardins, pomares, bosques, campos e um grande parque...*

*A quinta ficava nos arredores de uma cidade. O seu pesado portão era de ferro forjado pintado de verde. Quem entrava via logo uma grande casa rodeada por tílias altíssimas cujas folhas, de um lado verdes e de outro lado quase brancas, palpitavam na brisa.<sup>19</sup>*

---

19      ANDERSON, Sophia de Mello Breyner e, A Floresta, p.8

Este poema despertou-me bastante curiosidade tais são as semelhanças entre o imaginário referido e a Casa de Docim.

A Casa mantém o edificado, a pequena capela, o jardim, a horta, o pomar, os percursos de acesso à casa, geométricos, cobertos por videiras e ladeados por codornos centenários. Mantém um interior recheado de um mobiliário e objetos de decoração, diversificado, adquirido ao longo de várias gerações em que pouco se perdeu e quase tudo se preservou Mas faltava a vida e alegria de antigamente, faltavam as pessoas, os risos das crianças, os ruídos dos animais, o tocar da campainha pelos vizinhos, pelo padeiro, pelo carteiro.

Foi este o mote para a intervenção em 2012, recuperar, dar vida à Quinta.

Era necessário uma renovação que não estivesse inteiramente ligada à prática agro-pastoril. Desde meados do século XX que temos assistido a uma quebra nas práticas tradicionais da relação do homem com a terra, o natural. As actividades agro-pastoris que eram a principal fonte de rendimento das populações em meios rurais já não favorecem a fixação das populações, muito pelo contrário, assistindo-se ao seu progressivo abandono.

Consciente das alterações ocorridas e tendo em conta as profundas alterações no tecido produtivo e económico nos meios rurais e aliado o facto de se ter presenciado nas últimas décadas a uma profunda reforma na rede rodoviária nacional, que permitiu o fim do isolamento de inúmeras aldeias e consequente aproximação do mundo rural aos núcleos urbanos, novas oportunidades surgiram.

As estratégias de desenvolvimento e transformação destas áreas, no sentido de as qualificar e tornar competitivas, têm passado pela exploração de novas actividades, designadamente na área do turismo. A propósito do exposto Pedro Viana afirma que *É necessário a obtenção da máxima produtividade por indivíduo, para equiparar os seus salários aos habitantes de outras zonas, o que passará pela especialização produtiva em produtos de alta qualidade, assim como pela complementariedade com outras actividades não agrícolas como o turismo...*<sup>20</sup>

Este foi o mote e estratégia para um projecto de família. Era o sonho da minha avó, o de ter a Casa onde cresceu e viveu recuperada e com vida. No entanto, era necessário um plano para que este sonho fosse sustentável e realizável. O financiamento europeu, entretanto disponibilizado, foi assim uma oportunidade que não podia ser desperdiçada. Tornou-se uma forma de recuperar e ao mesmo rentabilizar o património da família. Procurou-se manter a identidade e criar um projecto sustentável que mantivesse ao máximo as características da Quinta. Preservou-se a autenticidade dos elementos e estruturas que se mantiveram ao longo dos tempos.

A intervenção operada teve em consideração preocupações de natureza ambiental e ecológica, que se consideraram fundamentais para a sustentabilidade do projecto.

A Casa de Docim, em dois pisos dispõe, assim, de quatro quartos com banhos privativos; uma suite com três divisões; sala de estar; sala de jantar; cozinha; recepção; e uma pequena capela. No exterior, manteve-se a área envolvente murada; o jardim; o pomar; a horta, tendo sido acrescentadas duas piscinas; uma pequena casa na árvore; e um parque de estacionamento.

---

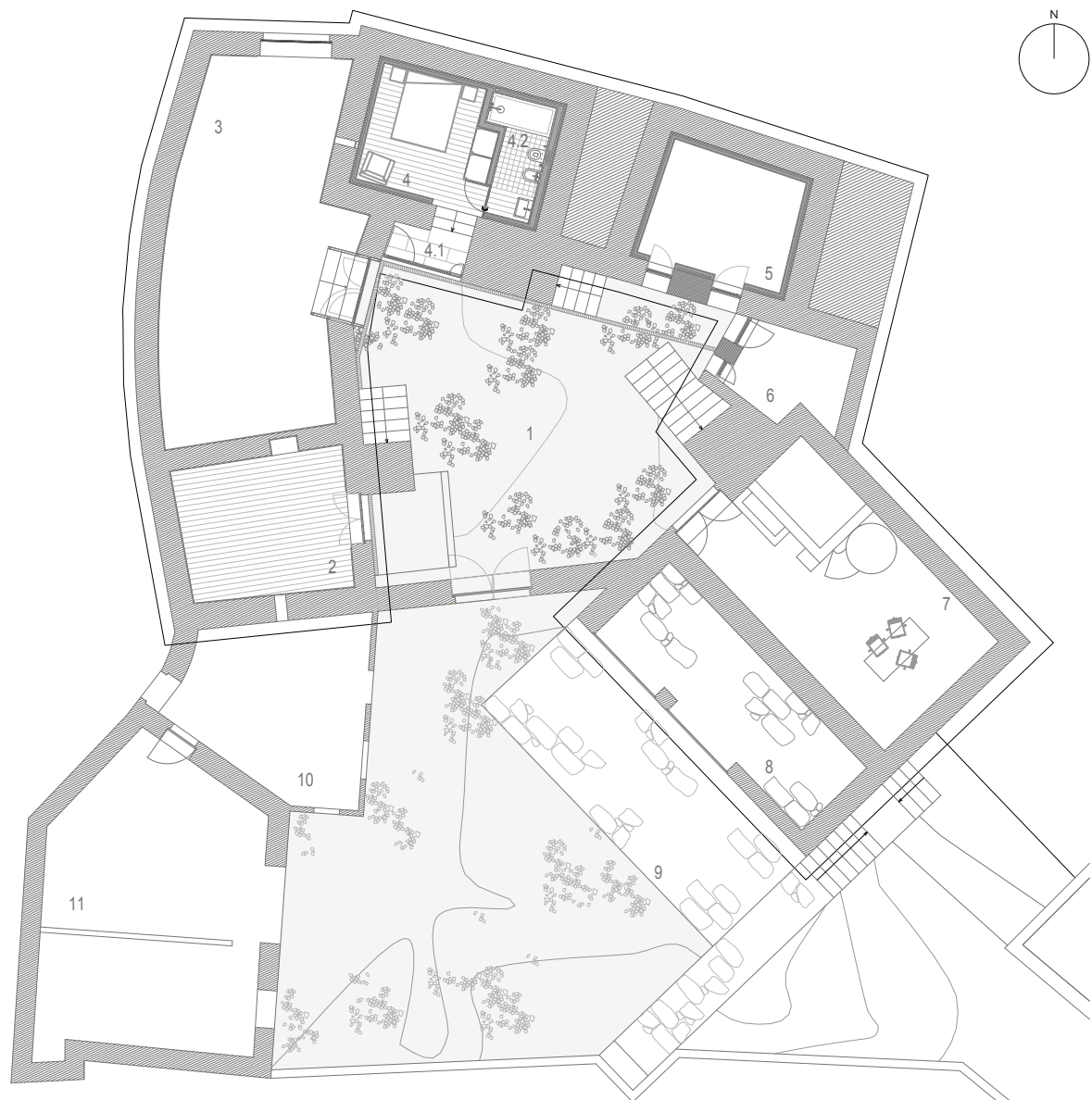
20 VIANA, Pedro - Território, Povoamento, Construção. Manual. Ponte da Barca: ADERE, 1999, p.15

Através de uma estratégia de desenvolvimento que se considerou integrada, procurou-se criar um ambiente onde fosse realçada a identidade do lugar e da região procurando-se destacar o que existe de específico e intransferível. Assim, procurou-se manter e valorizar o existente, tirar partido do clima, da paisagem, da fauna e flora, dos recursos minerais, das águas, do património histórico e arquitetónico.

Segundo Mies Van Der Rohe, a Cultura é a relação harmoniosa entre o homem e o seu entorno e a arquitectura a manifestação dessa relação. Este entendimento esteve presente no processo de desenvolvimento da solução de projecto.

A Casa de Docim revelou a sua extrema utilidade, para além dos limites dos seus muros, constituindo uma estrutura de dinamização de um território mais alargado na medida em que tem contribuído para a divulgação da freguesia de Quinchães e concorre para a dinamização económica, social e cultural da região do Alto Ave e Norte. A proximidade a locais de interesse e centros urbanos como Fafe e Guimarães, esta última a 10 minutos de distância, com um centro histórico classificado como Património Cultural da Humanidade pela Unesco desde 2001 e capital europeia da cultura foram também preponderantes. O programa Guimarães Capital da Cultura foi crucial não só pelo efeito que teve no crescimento da procura turística, mas também pela oportunidade de projeção da região. Não descurando a necessidade da Quinta ser auto-suficiente, tendo tido a oportunidade de financiamento na sua recuperação, acima de tudo, o mais importante foi um sonho de família tornado realidade.

## PLANTA PISO 0



- 1 Pátio
- 2 Capela
- 3 Sala Polivalente
- 4 Quarto 4.1 Hall-Quarto 4.2 Instalação Sanitária
- 5 Lavandaria
- 6 Casa das Máquinas
- 7 Recepção | Lagar
- 8 Sala de Exterior
- 9 Eira
- 10 Ruína
- 11 Ruína

Escala 1.200

## PLANTA PISO 1

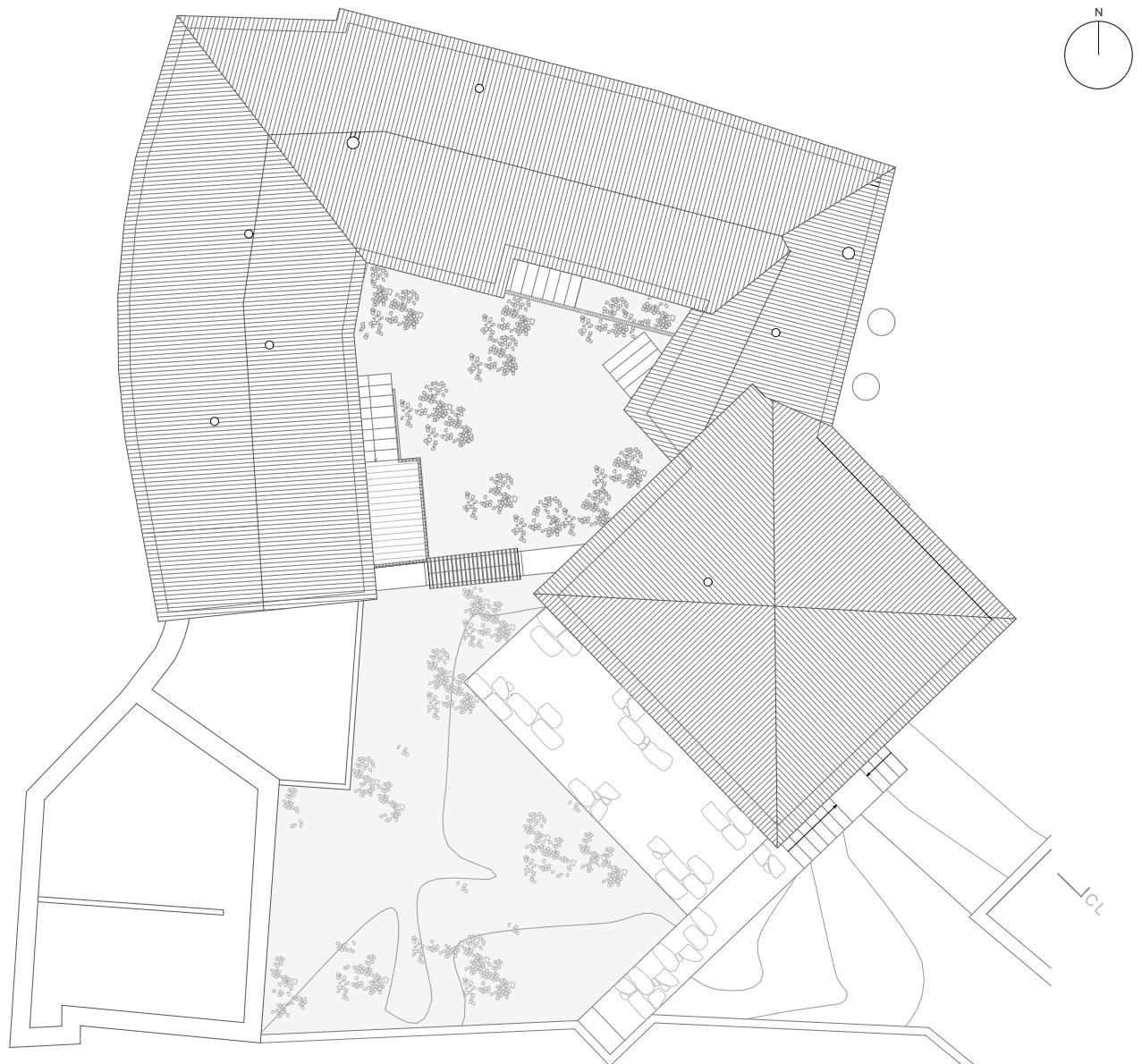


Escala 1.200

- 12 Hall de Entrada
- 13 WC Serviço
- 14 Quarto-Suite 14.1 Quarto-Suite 14.2 Hall-Suite 14.3 Sala de Estar-Suite
- 14.4 Instalação Sanitária -Suite
- 15 Sala de Estar | Jantar
- 16 Sala Comum
- 17 Cozinha
- 18 Corredor
- 19 Quarto 19.1 Instalação Sanitária
- 20 Hall de Distribuição
- 21 Quarto 21.1 Instalação Sanitária-Quarto
- 22 Quarto 22.1 Hall-Quarto 22.2 InstalaçãoSanitária-Quarto 22.3 Varanda-Quarto



PLANTA PISO COBERTURA



Escala 1.200



































Da Vontade



## Da Vontade

A Quinta ergueu-se, nasceu, mas sentimos que a obra ainda não está concluída. Apenas metade da área da Quinta foi alvo de intervenção, sendo que na restante área o potencial é imenso. Coube-me a mim poder participar nesta segunda fase de recuperação.

Passaram 6 anos, os mesmos 6 anos desde que entrei na faculdade de Arquitectura, durante os quais muitas transformações aconteceram. A Quinta ganhou vida e a alegria de outrora, mas sentimos que é possível melhorar e acrescentar valor ao conjunto da Casa e das áreas envolventes e à região. A Casa de Docim deixou de ser só nossa para estar aberta a todos.

Cada dia que passa vamos conhecendo melhor a Quinta, e descobrindo novos valores que suscitam novas hipóteses de intervenção. Tem sido um processo de descoberta permanente.

Aproveitando um novo concurso europeu co-financiado propomos um projecto de expansão para a quinta, um projecto socialmente consciente que se pretende sustentável, que não seja inteiramente ligado ao turismo. Interessa-nos poder servir as necessidades da população local e ir ao encontro de uma estratégia de qualificação e valorização definida para a região em que se insere.

Ao contrário de todos os projectos académicos que realizei, em que me era imposto um programa previamente definido, neste caso o projecto envolveu a definição do próprio programa. Pretendia-se que fosse complementar à Quinta, mas que a pudesse enriquecer e ser uma mais valia para a localidade.

Foram várias as condicionantes que me levaram a definir o programa para este projecto. Tudo começou num Almoço de Páscoa, na Casa de Docim. O meu tio, arquitecto responsável pela recuperação da Casa de Docim lançou-me o desafio de fazer uma biblioteca que pudesse ser solução para albergar o enorme espólio de livros da família e desenhar uma série de percursos que pudessem permitir a expansão da Quinta para lá dos seus limites, naturalmente em articulação com os pré-existentes. Senti que podia dar mais sentido ao programa, e consciente da vontade de tornar esta Quinta uma mais valia para a população desta localidade procurei estudar e perceber quais as necessidades e o que este meu projecto poderia acrescentar à aldeia. Sabendo também que, para viabilizar toda a operação de transformação teria de encontrar formas de financiamento, encetei uma pesquisa sobre apoios e programas que contemplassem o desenvolvimento rural. Deparei-me com a existência de um programa europeu que visa o apoio a iniciativas que promovam a inovação e o desenvolvimento rural.



Tal programa permitiu-me desenvolver o projecto de forma diferente. Não queria só fazer uma biblioteca para a família, na medida em que considerava que poderia e deveria fazer mais pela região e de certa forma melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Após uma análise mais alargada à região, concluí que existe um défice de espaços desportivos, bem como espaços de carácter cultural. Para além das condições precárias em que a escola da aldeia se encontra constatei também, após o estudo dos dados demográficos, que a taxa de insucesso escolar nesta freguesia é superior à média nacional.

Tudo isto, levou-me a uma proposta de programa. O que à partida era para ser só uma biblioteca, passou a ser muito mais. Ganhou para nós relevo e sentido. Assim, propomos um projecto de expansão que contempla dois campos desportivos e um edifício polivalente que para além de biblioteca, tem um pequeno auditório e sala polivalente que podem servir de apoio à escola, bem como uma série de percursos desenhados em articulação com os pré-existentes, proporcionando novas relações com os espaços agrícolas e zonas verdes.

Enquadrado o contexto que permitiu a hipótese de recuperação e ampliação da Quinta, assim como da formulação do programa, de seguida, apresentamos uma narrativa sobre o processo criativo de concepção da solução de projecto, procurando identificar o que designamos por interferências, ou seja as referências e condicionantes que determinam de forma mais ou menos directa a solução final que se apresenta.

















## *Interferências*



*A leitura do local, a descoberta de objectivos, sentido e finalidade do projecto, o projectar, planear e formular da obra é por isso não um processo linear, mas sim multiplamente entrelaçado.*<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Zumthor, Peter - Atmosferas : entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam.  
Barcelona : Gustavo Gili, 2006 p.7

Quando me confrontei sobre “O que é a arquitectura?”, agora que estou prestes a completar a minha formação em arquitetura, desde logo, considere pertinente centrar a minha reflexão em torno do processo criativo e analisar a forma como surgem as ideias, e os factores que as influenciam, factores estes que condicionam, mas ao mesmo tempo direccionam e permitem controlar e dar consistência e pertinência ao projecto. *É preciso não o perder.*<sup>22</sup>

O acto de projectar encerra em si múltiplos factores que nos vão toldando o pensamento, que nos abrem novas perspectivas, novas possibilidades. Todo o arquitecto percorre durante o seu processo um caminho, muitas vezes, sinuoso em busca da perfeição, onde os obstáculos, *interferências*, nos reorientam e nos obrigam a reformular, a reagir, alterar o rumo de partida, de forma a responder da melhor forma ao proposto.

Consciente de que as ideias não surgem do nada, procurei, através da análise de algumas obras e estudos “dissecar” o processo criativo de forma a identificar as várias *interferências* em torno e a partir das quais se estrutura e ocorre o acto criador. Optei por enquadrar as referidas *interferências* como sendo etapas, nunca lineares, que o arquitecto percorre até chegar à ideia final.

Proponho como base da fundamentação identificar um conjunto de premissas, que considero que devem estar presentes em qualquer exercício de arquitectura e que simultaneamente condicionaram e direccionaram o processo projectual.

*A explicação da arquitectura não se faz de maneira arborescente. A arquitectura não é uma árvore, antes um acontecimento resultante do cruzamento de forças capazes de dar lugar a um objecto, parcialmente signifiante, contingente.*<sup>23</sup>

---

22 SIZA, Álvaro, 01 textos (ed.: Carlos Morais). Porto: Civilização Editora, 2009, p.64

23 SOLÀ-MORALES, Ignasi de; Los Artículos de Any, Barcelona: Fundación Caja Arquitectos, 2009

De certa forma, pretendo entrar no meu subconsciente e perceber que factores me levaram à solução final. A base do discurso presente será em torno deste conceito do que “nada nasce do nada” e que o proposto tem uma razão de ser.

Falar sobre a criação é inevitavelmente falar acerca da humanidade e sobre o que nos distingue e nos torna especiais em relação às outras espécies.

*Todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução.*<sup>24</sup>

Partimos para a construção da solução a partir da definição de um conceito. Qual o objectivo de criar um conceito? Os conceitos surgem para resolver problemas, conceitos com o objectivo de resolver problemas, superar-los. Os conceitos surgem porque encontramos obstáculos no meio do nosso caminho. Os obstáculos são o acontecimento, o conceito é a vida. O filósofo procura criar conceitos para uma realidade determinada. Convém, ainda assim, referir que os conceitos não nascem do nada, possuem histórias, circunstâncias, nascem a partir de outros conceitos que acrescentam ou retiram componentes do mesmo.

*O conceito define-se pela inseparabilidade de um número finito de componentes heterogéneos percorridos por um ponto em sobrevoo absoluto, à velocidade infinita.*<sup>25</sup>

---

24 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; O que é a filosofia?, Lisboa: Presença editora, 1992, p.25

25 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; O que é a filosofia?, Lisboa: Presença editora, 1992, p.29

Atentemos, neste excerto da entrevista publicada pela revista Unidade.

*Pedro Bandeira: Se vamos falar de criação comecemos pelo princípio, lembro-me dos três estados da criação, nos Diálogos da República. O primeiro, a natureza do objecto, deve-se ao criador conceptual de todo o universo; Deus...*

*Rui Mota Cardoso: Eu nesse aspecto tenho uma posição muito mais radical, penso que nada se cria do nada; penso que, num plano de imanência, o real tem partes que estão actualizadas e essas são conhecidas, e tem partes que não são actualizadas; o acto de criação revela uma coisa real que ainda não está actualizada, ou seja actualiza-a, e sobre-tudo actualiza algo que ainda não foi actualizado por ninguém. Penso que aí começa a criação.*

*Alberto Carneiro: Será a palavra actualizar indicada para referir isso?*

*Rui Mota Cardoso: O criar é, pelo menos na visão psicológica, pensar, sentir e fazer uma coisa que nunca ninguém pensou, sentiu ou fez, ou pelo menos eu nunca senti, pensei ou fiz. O criador é aquele homem homem que me revela isso, isto não quer dizer que não exista, mas nunca foi actual. O criador é o homem que consegue fazer isso, e consegue fazer isso, curiosamente, chegando ao ponto de, por exemplo, dizer aquilo que não é dizível, aquele que lê tem de intuir nas palavras uma realidade que não pode ser transformada em palavras.*

*Alberto Carneiro: Há níveis de criação. Quando falas de poesia estás a falar de criação poética, melhor dizendo, criação artística. Estou de acordo de que não se cria a partir do nada, cria-se a partir do que há, cria-se a partir do que se domina, a partir daquilo que não se conhece.*

*Rui Mota Cardoso: Ou seja aquilo que existe mas que não está actualizado.*

*Alberto Carneiro: Eu não sei se existe aquilo que não se conhece. Penso que cada um nós transporta índices de criação, localizados em si mesmo, no seu interior, no indizível do seu lado de dentro.*

*Rui Mota Cardoso: Na metáfora das metáforas...*

*Alberto Carneiro: Relativamente à poética, relativamente à estética, não existe criação sem metáfora, isto é, aquilo que se diz não é o que se diz, o estético é aquilo que não se pode explicar literalmente, a obra poética é aquela que mantém em aberto toda e qualquer conhecimento (utilizando a tua expressão) da actualidade. Faça contudo alguma resistência a esse conceito de actualidade.*

Rui Mota Cardoso: *Este conceito é um conceito de Deleuze...*

(...)

*Alberto Carneiro: Eu posso evocar nesse sentido a minha experiência pessoal de criação. Quando faço as minhas esculturas, parto sempre de qualquer coisa, seja uma imagem, uma sensação, que também é uma imagem, seja uma ideia que acaba por ser uma imagem. Curiosamente essa imagem é sempre visual, porque não há de facto percepção do mundo plástico sem essa transposição. A metáfora aqui é sempre visual, mesmo relativamente a uma sensação de gosto ou de audição. (...) Há um processo de desenvolvimento e uma assunção síntese que é feita em determinada altura, no momento em que se diz: a coisa está!. Se me perguntarem porque é que está, eu digo que é indizível, porque é subtil, não sei explicar objectivamente.<sup>26</sup>*

A criação é um acto complexo que suscita as mais variadas discussões e opiniões. A entrevista da qual citamos um pequeno trecho vai de encontro ao que penso sobre o acto de criar. Parte-se sempre de algo e criar envolve um processo de observação, de investigação e de verificação. Para criar, é necessário tempo, nada se cria de um momento para o outro. Como Alberto Carneiro afirmava, existe um processo e que em certo ponto o artista sente que já está, que encontrou a solução, no entanto, não sabe explicar o porquê de objectivamente a obra estar feita.

O que se pretende agora é, apesar de haver a consciência de não ser possível identificar e explicar objectivamente tudo o que me levou à solução que proponho, tentar com base no que entendo que deve ser o processo arquitectónico incidir o discurso nas premissas que identifico como *interferências* que foram toldando o meu pensamento e que permitiram encontrar a solução.

---

26 Associação de estudantes da faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Revista Unidade 5, 1997, p.34 a p.37



Desde muito cedo, estabeleceu-se na teoria da arquitectura paralelos com a filosofia.

*Tudo precisa de um antecedente, nada, em gênero algum, vem do nada; e isto não poderia, de forma alguma, deixar de se aplicar a todas as invenções dos homens. Dessa forma observamos que todas elas, apesar de mudanças posteriores, conservaram sempre visível, sempre sensível ao sentimento e à razão, seu princípio elementar. É como uma espécie de núcleo em torno do qual se agregaram e se organizaram, conseqüentemente, os desenvolvimentos e as variações de formas às quais o objeto era suscetível. Assim nos chegaram várias coisas de todos os gêneros; e uma das principais ocupações da ciência e da filosofia, para apreender as razões, é de nelas procurar a origem e a causa primitiva. Aqui está o que deve ser chamado de tipo em Arquitetura, assim como em todos os outros domínios das invenções e das instituições humanas.*<sup>27</sup>

O *tipo* tem uma grande importância no processo de concepção e surge desta noção da procura de referências, de antecedentes, que permitam perceber o que outros fizeram e como fizeram e como isso pode influenciar e apoiar o meu processo projectual.

*Toda invenção gratuita é removida (...) a emergência de relações entre as coisas, mais do que as próprias coisas, sempre dá nascimento a novos significados.*<sup>28</sup>

O *tipo* está associado a uma questão de agrupamento de funções e características semelhantes entre obras que permitem a criação de matrizes que possam servir de exemplo para outras obras. Neste caso, não houve um *tipo* concreto, houve uma sucessão de *tipos* que se procuraram, o *tipo* biblioteca, o *tipo* cultural, o *tipo* desportivo, o *tipo* estar.

---

27 TAVARES Lino; ALARCÃO, Pedro - Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações 2011

28 Rossi, Aldo - A arquitectura da cidade. Lisboa : Cosmos, 2001, p.114

É neste entendimento de que nada nasce do nada que me procuro debruçar, e revelar, de certa forma desconstruir o processo criativo, esclarecendo o caminho até à solução.

Bruno Munari foi um dos mais importantes designers do século XX. De entre as suas obras destaco o Livro “Das Coisas Nascem Coisas” onde aborda o tema do processo projectual. O autor debate-se acerca do processo projectual no campo do design e procura através de uma fórmula desconstruir e estruturar o acto de projectar, como se de uma receita se tratasse.

*Criatividade não significa improvisação sem método: essa maneira apenas se faz confusão e se cria nos jovens a ilusão de se sentirem artistas livres e independentes. A série de operações do método projectual é feita de valores objectivos que se tornam instrumentos de trabalho nas mãos do projectista criativo. Como se reconhecem os valores objectivos? São valores reconhecidos por todos como tal. Por exemplo, se eu afirmar que misturando, amarelo-limão com o azul-turquesa se obtém um verde, quer se use têmpera, óleo, acrílicos, ou pastéis, estou a afirmar um valor objectivo. Não se pode dizer: para mim o verde obtém-se misturando o vermelho com o castanho. Num caso desses consegue-se um vermelho sujo, em certos casos um teimoso dirá que para ele isso é um verde, mas será apenas para ele e para mais ninguém.<sup>29</sup>*

Munari, defende que todo e qualquer acto de projectar deve obedecer a regras, a um certo método, valores e objectivos que nos permitam fundamentar a ideia. Um projectista que se revele consciente procura um método para realizar com precisão e “segurança” o seu trabalho.

---

29      MUNARI, Bruno- Das Coisas Nascem Coisas, Edições 70, 1981, p.21

É claro que existe uma certa liberdade associada ao acto de projectar que se entende por criatividade, no entanto se tudo fosse possível, se não existirem condicionantes que imponham limites e direcionem a criatividade, perder-nos-íamos numa imensidão de soluções e propostas. Entende-se o acto projectual como um acto evolutivo, onde se procura definir e estudar o problema, definir o contexto e reunir os elementos que devem ser tidos em consideração, até à definição da solução.

*É por isso bom fazer uma distinção imediata entre o projectista profissional, que tem um método projectual, graças ao qual o seu trabalho é realizado com precisão e segurança, sem perda de tempo; e o projectista romântico que tem uma idéia “genial” e que procurar forçar a técnica a realizar algo de extremamente dificultoso, dispendioso e pouco prático mas belo. Deixamos pois de parte este segundo tipo de projectista que, para além de tudo, não aceita conselhos e ajuda de ninguém! E ocupemo-nos do método profissional de projetar do designer.* <sup>30</sup>

Munari cria, assim, uma espécie de receita, que ilustro nas páginas seguintes e que tem na sua génese uma clara noção de como se deve projectar. Procuro, assim, definir, a partir destes pressupostos e da experiência que fui adquirindo ao longo do curso, definir a estrutura de pensamento que me permitiu encontrar a solução.

---

30      MUNARI, Bruno- Das Coisas Nascem Coisas, Edições 70, 1981, p.22

**P > S**

Problema - Solução

**P > Definição do Problema > S**

É necessário definir o Problema

**P > DP > Ideia > S**

Surtem ideias, hipóteses

**P > DP > Componentes do Problema > I > S**

É necessário estudar os componentes do Problema

**P > DP > CP > Recolha de dados > I > S**

É necessário recolher os dados para estudar os componentes

**P > DP > CP > RD > Análise de dados > I > S**

Surge agora a análise dos dados

P > DP > CP > RD > AD > Criatividade > S

No lugar de ideia coloca-se agora a criatividade

P > DP > CP > RD > AD > C > Materiais e Tecnologias > S

A criatividade leva a novas possibilidades quer materiais quer tecnológicas

P > DP > CP > RD > AD > C > MT > Experimentação > S

A experimentação é indispensável ao projecto

P > DP > CP > RD > AD > C > MT > E > Modelo > S

Da experimentação surgem os modelos

P > DP > CP > RD > AD > C > MT > E > M > Verificação > S

É necessário proceder à verificação

P > DP > CP > RD > AD > C > MT > E > M > V > Desenho Construtivo > S

O desenho permite finalizar a solução

**P** Arroz Verde



**DP** Arroz Verde com espinafres para quatro pessoas



**CP** Arroz, Espinafres, Presunto, Cebola, Azeite, Sal, Pimenta e Caldo



**RD** Haverá alguém que o tenha feito?



**AD** Como fez?



**C** Como juntar tudo de forma correcta?



**MT** Que arroz? Que tacho? Que lume?



**E** Prova. Está bem?



**M** Óptimo



**V** Chega para quatro



Desenho  
construtivo



**S** Arroz Verde servido em prato aquecido

É necessário percorrer um caminho que implica a pesquisa, a experimentação, validação, que nos leva a reformular, a voltar atrás, por vezes começando de novo na procura da solução que melhor responda ao problema.

É esta noção de que o processo projectual se guia por *Interferências* que permitem dar sentido ao processo que pretendo dissecar de forma a fundamentar a solução proposta. Para uma compreensão do processo arquitectónico *é necessário; analisar o percurso passo a passo, para descobrir os sentidos e ideias (evidentes e escondidos); encontrar esquemas, padrões, estruturas, influências e orientações históricas, sociais e filosóficas, nos desenhos e projectos - para que o todo resulta num conjunto lógico e harmonioso, em que as partes que formam esse todo tenham uma relação dinâmica, dimensional, material e estrutural.*<sup>31</sup>

*O que faz distinguir a arquitectura em relação às restantes actividades artísticas, está o facto de agir com um vocabulário tridimensional que inclui o homem. A pintura funciona em duas dimensões, a despeito de poder sugerir três ou quatro. A escultura funciona em três dimensões, mas o homem fica de fora, desligado, olhando o exterior as três dimensões. Por sua vez a arquitectura é como uma grande escultura escavada, em cujo interior o homem penetra e caminha.*<sup>32</sup>

---

31 S. Ming Kong, Mário O processo de concepção arquitectónica e o Desenho

32 Zevi, Bruno, Saber ver a arquitectura, 5ª ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1996, p.17



Esta nuance da arquitectura em relação aos outros campos artísticos, leva a que outras condicionantes sejam consideradas na concepção do projecto.

Ou seja, saber interpretar os sinais, as *interferências* constitui a chave que nos permitirá a compreensão da arquitectura. Seria bastante redutor pensar que o espaço é um objecto estético, já que, funcionalmente, deve albergar as actividades humanas. Contudo, também seria não menos redutor não ter em consideração a eficácia funcional do espaço e a sua vertente estética, pois ambas devem ser conjugadas para melhor satisfazer as necessidades de conforto e bem-estar dos utentes.

Este método de pesquisa, de procura e análise das condicionantes que orientam o acto de projectar é na arquitectura acompanhado pelo desenho. Instrumento de pensamento imprescindível e indissociável do arquiteto. O desenho acompanha todo o processo, não se esgota, é necessário como forma de investigação, experimentação e validação. O desenho representa, estrutura, e valida o pensamento arquitectónico.

*Contudo, o desenho não é para Siza uma linguagem autónoma; trata-se de tirar medidas, de fixar as hierarquias internas do lugar que se observa, dos desejos que ele suscita, das tensões que induz; trata-se de aprender a ver as interrogações, a torná-las transparentes e penetráveis. Trata-se por fim de procurar por meio da escrita do desenho uma série de ressonâncias que progressivamente funcionem como partes de um todo, que mantenham a identidade das razões da sua origem contextual mas que ao mesmo tempo se organizem em sequências, percursos, paragens calculadas, que se alinhem através de diferenças discretas na direcção de um processo de diversidade necessária não ostentada, de escrita dos espaços e das formas do projecto.*<sup>33</sup>

O desenho acompanha todo o processo criativo. É no desenho que o arquitecto tem a sua maior força de expressão. O exercício da arquitectura enriquece-se na capacidade de prever o espaço e as sensações por ele transmitidas, na capacidade de criar uma atmosfera. Desenhar é pensar, pensar é desenhar. O desenho torna concreto o pensamento, o processo criativo precisa do desenho, sendo este o principal instrumento do pensamento do arquitecto. Não é possível projectar sem desenhar. O desenho acompanha todo o processo de investigação, de confrontação com as condicionantes que nos vão direccionando até à solução final.

*O projecto está para o arquitecto como o personagem de um romance está para o autor: ultrapassa-o constantemente. É preciso não o perder. O Desenho persegue-o. Mas o projecto é um personagem com muitos autores, e faz-se inteligente apenas quando assim é assumido, é obsessivo e impertinente em caso contrário.*

*O desenho é o desejo de inteligência.*<sup>34</sup>

---

33 SIZA, Álvaro, Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70, 2000,p.9

34 Idem, p.9

O Desenho deve, assim, ser para o Arquitecto uma extensão do pensamento, uma representação crítica da realidade, uma constante forma de aferição e procura de soluções arquitectónicas. O Desenho está presente em todas as fases do processo.

*O desenho é uma forma de comunicação, com o eu e com os outros. Para o arquitecto, é também, entre muitos, um instrumento de trabalho; uma forma de aprender, compreender, comunicar, transformar: de projecto.*

*Outros instrumentos poderá utilizar o arquitecto; mas nenhum substituirá o desenho sem algum prejuízo, nem ele o que a outros cabe.*

*A procura do espaço organizado, o calculado cerco do que existe e do que e desejo, passam pelas intuições que o desenho subitamente introduz nas mais lógicas e participadas construções; alimentando-as e delas se alimentando.*

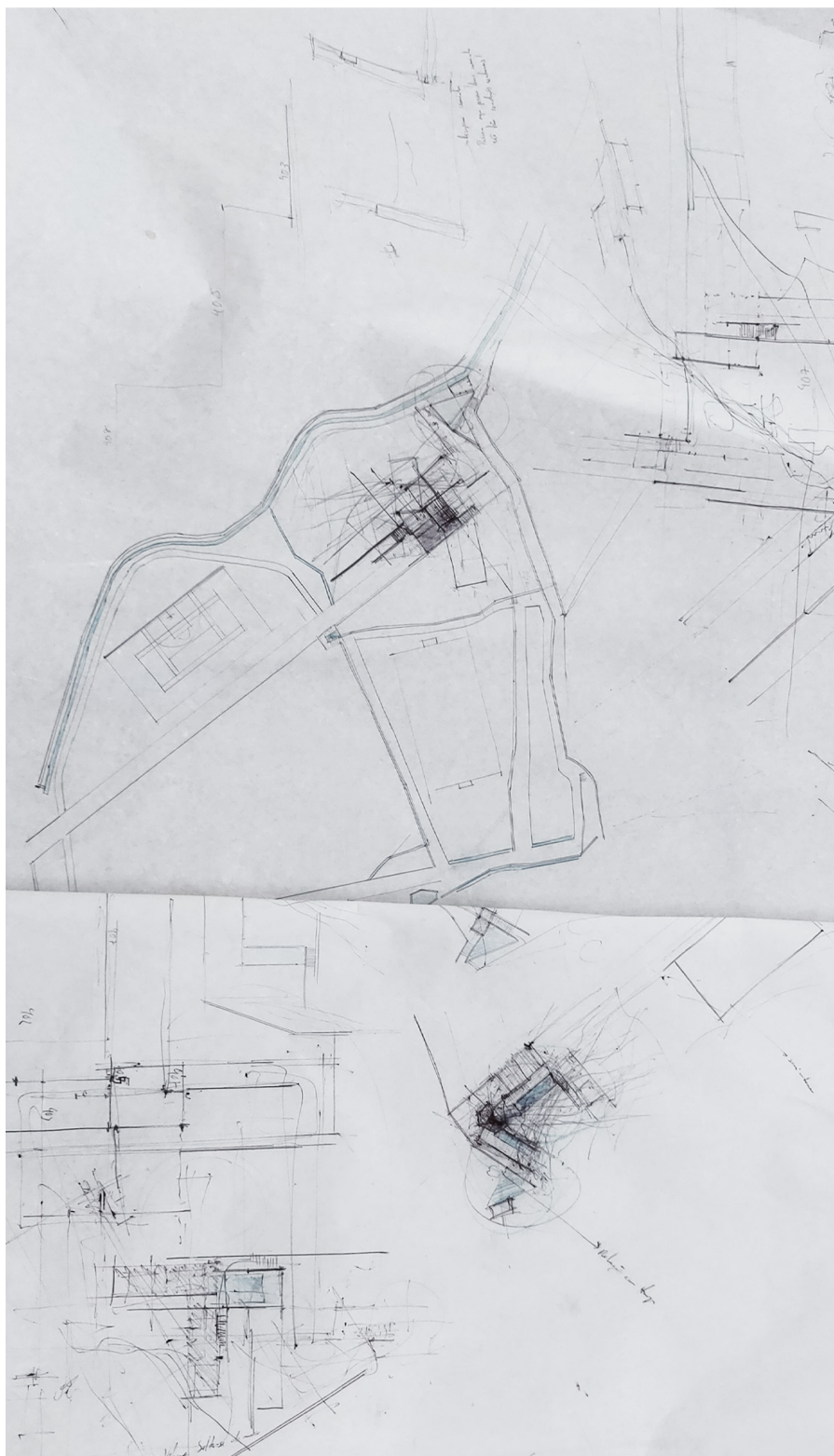
*Todos os gestos - também o gesto de desenhar - estão carregados de história, de inconsciente memória, de incalculável, anónima sabedoria.*

*É preciso não descurar o exercício, para que os gestos não se crispem, e com eles o resto.*<sup>35</sup>

---

35 SIZA, Álvaro, Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70, 2000, p.38







## A Definição do Programa

Desde a hipótese de desenhar uma biblioteca, à elaboração do programa final procurei indagar, investigar, estudar em torno das hipóteses possíveis. Entendo que a arquitectura desempenha um papel central na qualidade de vida do ser humano transcendendo a mera dimensão objectual e utilitária. Se assim não fosse era fútil e desprovida de qualquer significado que não o material. Penso que deve impôr-se ao arquitecto um sentido crítico em relação à encomenda que lhe é formulada. *Frequentemente temos de dizer ao promotor que não somos a figura do arquitecto que implementa o programa, somos arquitectos que desenvolvem um programa no processo de projecto.*<sup>36</sup>

A arquitectura deve acima de tudo ser oportuna, autocrítica e resolver problemas que muitas vezes não se inscrevem estritamente no seu programa. Cabe-nos enquanto arquitectos estudar as necessidades do local de forma a compreendê-lo e dentro da disciplina e do campo de possibilidades dar um contributo na supressão dos problemas em presença, acrescentando valor, a partir da exploração de novas oportunidades e perspectivas de futuro.

*A arquitectura não deseja ser funcional, mas oportuna.*<sup>37</sup>

É neste contexto que o projecto surge, assim, como uma oportunidade de redefinir, requalificar a quinta, a freguesia e a região. Foi este o mote desta intervenção e não faria sentido para mim que o fosse de outra forma.

Siza afirma no texto *O tempo desenha a arquitectura*<sup>38</sup> que um arquitecto é um detective. Do exposto podemos deduzir daqui que um arquitecto pode ser encarado como um interprete de sinais, de factos de intuições que lhe permitem levantar dúvidas, reconhecer lacunas e desenvolver propostas para a circunstância e problemas encontrados.

---

36 J-A 229. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2007, p.52

37 Paulo Mendes da Rocha (ed.: Rosa Artigas). São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p73

38 Siza Vieira, Álvaro - 02 textos. Lisboa : Parceria A. M. Pereira, 2018, p.21



Foi nestes pressupostos que procurei definir o programa. Entre o que me foi pedido e o que este projecto podia dar à aldeia e à região, formulei um programa com sentido de oportunidade com a convicção de que com o projecto estou a dar continuidade e a valorizar a Casa de Docim, mas ao mesmo tempo a contribuir para suprir as necessidades locais e permitir o enriquecimento cultural à própria população.

Proponho agora que se atente nesta análise demográfica e no mapa que caracteriza a região de forma a perceber o que são as suas principais necessidades.

## PORTUGAL

## AVE

## FAFE

## QUINCHÃES

2001 - 2011

2001 - 2011

2001 - 2011

2001 - 2011

Número de habitantes

10356117 10561614

509968 511737

52757 50633

2344 2278



+1,9%

+0,3%

-4,3%

-1,9%

População infantil dos 0-14 anos

1972403 1572546

96363 79439

9886 7818

435 358

19 % 14,9 %

18,9 % 15,5 %

18,7 % 15,4 %

19,1 % 15,7 %



-4,1%

-3,4%

-3,3%

-3,4%

População jovem dos 15-24 anos

1610836 1145770

81127 62675

8536 6138

368 261

15,6 % 10,8 %

16 % 12,2 %

16,2 % 12,1 %

15,7 % 11,5 %



-4,8%

-3,8%

-4,1%

-4,2%

População adulta dos 25-64 anos

4941164 5820794

274349 293792

27319 28226

1232 1250

47,7 % 55,1 %

53,8 % 57,4 %

51,8 % 55,7 %

52,6 % 54,9 %



+7,4%

+3,6%

+3,9%

+2,3%

População idosa +65 anos

1342744 2022504

58129 75831

7016 8451

309 409

13 % 19,1 %

11,4 % 14,8%

13,3 % 16,7 %

13,2 % 18 %



+6,1%

+3,4%

+3,4%

+4,8%

População desempregada

339261 662180

14671 38754

1631 3465

60 146

3,3 % 15,2%

2,9 % 7,6 %

3,1 % 6,5 %

2,6 % 6,4%





+11,9%

+4,7%

+3,4%

+3,8%

	PORTUGAL			AVE			FAFE			QUINCHÃES		
	2001	-	2011	2001	-	2011	2001	-	2011	2001	-	2011
Sem escolaridade	1291343		541871	136380		93183	15092		10070	564		472
	12,5 %		5,13 %	26,7 %		18,2 %	28,6%		19,9 %	24,1%		20,7 %
	-7,37%			-8,5%			-8,7%			-3,4%		
A frequentar 1º ciclo	3638725		269033	161535		148963	16567		15276	794		704
	35,1 %		25,4 %	31,7 %		29,1 %	31,4 %		30,2 %	33,9%		30,1 %
	-9,7%			-2,6%			-1,2%			-3,8%		
A frequentar 2º ciclo	1403249		1300150	95777		88034	10975		9365	660		468
	13,3%		12,6 %	18,8 %		17,2 %	20,8 %		18,5 %	28,2 %		20,5 %
	-0,7%			-1,6%			-2,3%			-7,7%		
A frequentar 3º ciclo	1126989		1687065	58566		82091	5236		7190	189		338
	10,9 %		16 %	11,5 %		16 %	9,9 %		14,2 %	8,1 %		14,8 %
	+5,1%			+4,5%			+4,3%			+6,7%		
A frequentar ensino secundário	1620816		1362660	38995		55289	3087		4687	88		165
	15,7 %		13 %	7,6 %		10,8 %	5,9 %		9,3 %	3,8 %		7,2 %
	-2,7%			+3,2%			+3,4%			+3,4%		
A frequentar ensino superior	1113452		1262449	16987		39574	1668		3726	49		125
	10,8 %		11,9 %	3,3 %		7,7 %	3,2 %		7,4 %	2,1 %		5,5 %
	+1,1%			+4,4%			+4,2%			+3,4%		

Partindo de uma análise comparativa entre os censos de 2001 e de 2011, ao contrário do que se observa em relação a Portugal, que teve um aumento da população (A) na ordem dos 1,9%, constata-se que em Fafe e em Quinchães ocorreu uma diminuição da população, sendo que, na freguesia na qual se insere a nossa proposta, o aumento registado se situa na ordem dos 2,8 pontos percentuais.

Esta situação corrobora o abandono já referido anteriormente que se tem vindo a registar no interior de Portugal. Contabilizam-se, assim, em 2011, 2278 pessoas na freguesia ao invés das 2344 registadas em 2001. À quebra da natalidade, problema afecto a Portugal nas últimas décadas, associam-se consequências evidentes a nível demográfico. Por um lado, quer a população infantil (B), quer a população jovem (C) têm vindo a diminuir de forma significativa enquanto que a população adulta (D) e idosa (E) têm vindo a registar aumentos percentuais evidentes.

Nestes aspectos, Quinchães não difere muito da média nacional, o que revela a transversalidade deste problema que tem vindo a aumentar e pode ser explicado pelo aumento da população desempregada, pois, podemos deduzir que este indicador tem uma clara relação directa com os índices de qualidade de vida e estabilidade financeira dos portugueses. Podemos ainda aferir que este aumento da taxa de população sem emprego (F) interfere directamente na taxa de natalidade e consequente envelhecimento da população porque pessoas sem estabilidade financeira são menos propensas a ter o desejo de constituir famílias e criar descendentes. O aumento da esperança média de vida; a redução da mortalidade; e a crescente imigração também justificam o envelhecimento progressivo da população sendo que é no interior de Portugal que este problema tem maior expressão.

Tudo isto gera consequências graves, entre as quais, a diminuição da população activa, principalmente nos meios rurais e uma desaceleração em termos económicos e produtivos. É, por isso, necessário criar condições para combater este problema, analisar e investir para criar melhores condições de vida para a população em geral.

A educação é um fator que também considere pertinente destacar nesta análise, pois é um dos principais indicadores que determina o grau de desenvolvimento de um País. Portugal ainda tem uma percentagem da população sem qualquer nível de escolaridade (G) bastante elevada e é, neste caso, também, no interior de Portugal, que se regista esta situação. Em Quinchães cerca de 20,7% da população não tem qualquer nível de escolaridade o que é preocupantemente superior à média nacional de 7,37%.

Assiste-se também, explicado pela quebra da natalidade abordada anteriormente, a uma diminuição de alunos a frequentar o primeiro (H) e segundo (I) ciclos de estudos. Por sua vez, os dados relativos ao terceiro ciclo (J), ao ensino secundário (K) e superior (L) revelam ligeiras melhorias fruto do decréscimo da taxa de abandono escolar em todo o país e do aumento da escolaridade obrigatória. No entanto, todos estes valores continuam a ser baixos e apesar dos esforços que têm sido feitos para melhorar a qualidade do ensino em Portugal, é necessário continuar a investir em equipamentos que possam favorecer a formação escolar.

Da análise dos dados, deduz-se que Portugal tem problemas que necessitam de análise e discussão para termos um país mais capaz no futuro. Estes problemas, devem também ser tema da arquitetura que deve intervir conscientemente em função das necessidades do lugar e servir para criar melhores condições para os utentes.

Esta nova estrutura, para além de responder às nossas necessidades enquanto entidade privada deverá ter uma responsabilidade social e um carácter público.

O Mapa exposto permitiu perceber quais são as principais necessidades da região. Salienta-se, o facto, da escola da aldeia, a EB1 da Serrinha, que tem cerca de 100 alunos, não se encontrar nas melhores condições e com um défice de espaços desportivos. Para além disso, na freguesia de Quinchães não existe qualquer espaço desportivo ou cultural que possa ser acedido pelo público em geral. Num contexto mais geral, é de salientar a concentração dos principais equipamentos no centro de Fafe. Pretendemos assim, com o concurso ao financiamento europeu alocar fundos em Quinchães e criar um projecto que possa criar condições para melhorar a qualidade de vida da freguesia e contribuir para a fixação da população.

Mais do que uma biblioteca propõe-se um edifício que promova o desenvolvimento social, cultural e educacional da população, bem como novos espaços desportivos que contribuam para o desenvolvimento de uma sociedade ativa e saudável. Pretende-se, desta forma, que o projecto seja uma resposta ativa que permita contribuir para o enriquecimento e qualificação da rede de equipamentos pública existente. Desta forma, consideramos que estamos a dar um contributo, o nosso, para promover a fixação da população jovem enquanto, por outro lado, procuramos dar resposta as necessidades geradas pelo aumento da população idosa.

O programa deve, desta forma, responder à necessidade de educação, quer dos mais jovens quer dos mais idosos, bem como permitir a ambos os segmentos da população para a prática de atividades desportivas. Deseja-se criar parcerias com a Escola da aldeia para que os alunos possam usufruir dos novos espaços, com a câmara e a biblioteca municipal para receber livros, bem como a possibilidade de receber exposições temporárias. O interior de Portugal precisa urgentemente de mais programas e projectos que visem o seu desenvolvimento cultural e desportivo tal a diferença abismal relativamente às cidades do litoral, quer em termos de infraestrutura quer em termos sociais.

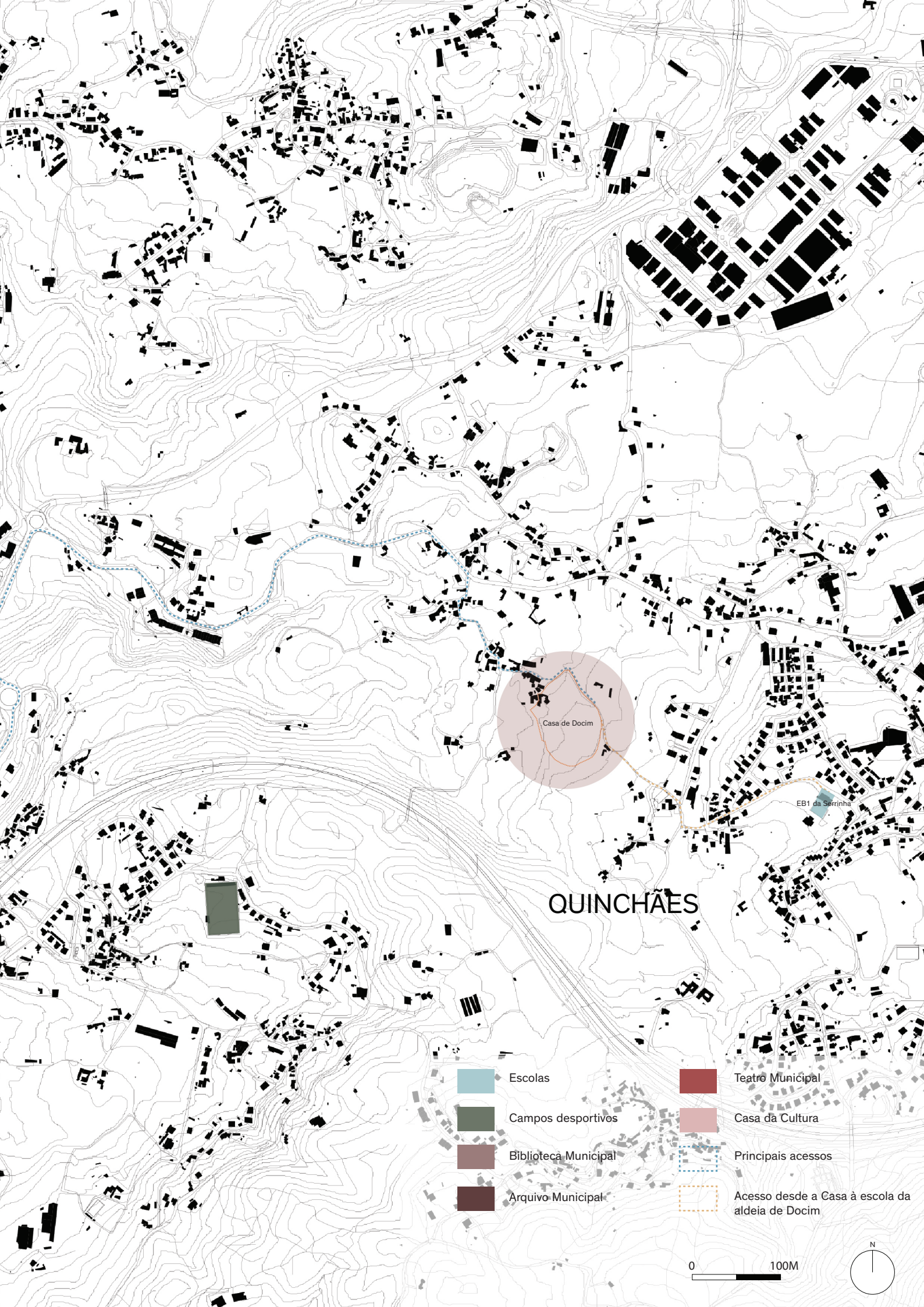
Acreditamos estar desta forma a dar um contributo para a mitigação desta situação.





FAFE





# QUINCHÃES

- Escolas
- Campos desportivos
- Biblioteca Municipal
- Arquivo Municipal
- Teatro Municipal
- Casa da Cultura
- Principais acessos
- Acesso desde a Casa à escola da aldeia de Docim





*Quando se faz um edifício, há forçosamente um programa com condicionantes que temos que admitir. Esses são aliás pontos de apoio necessários. Não trabalhamos no vazio, não é verdade? Mas quando as questões de função começam a ser resolvidas, começam a aparecer ideias de forma, em ligação com as condicionantes e por vezes com modelos. Posto isto, uma resposta funcional perfeita não produz, no entanto, uma forma clara. Começa nesse momento um outro tipo de desenvolvimento que consiste em libertar a forma do carácter funcional.<sup>39</sup>*

Entende-se o programa como ponto de partida para a concepção do projecto. No entanto, este não pode nem deve ser a sua razão única e determinante. Pretende-se, assim que o projecto, para além de organizar a função, surja na relação com a especificidade do lugar.

---

39 SIZA, Álvaro - "Álvaro Siza: Uma questão de medida", Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009, pág 210

## O Programa

Percursos

Zonas agrícolas

Zonas Verdes

Campos desportivos

Campo Futebol

Campo de ténis

Edifício

Recepção

Sala polivalente

Biblioteca

Auditório

Sanitários

Arrumos e área técnica

A propósito do lugar e de cultura como materiais essenciais do projecto Kenneth Frampton refere que *Uma obra arquitectónica deve evocar a essência onírica do lugar com a inescapável materialidade da construção*. Por sua vez e citando Paul Ricoeur: *sustentar qualquer tipo de cultura autêntica no futuro, dependerá em última instância da nossa capacidade de gerar formas vitais de cultura regional ao mesmo tempo que nos apropriamos de influências alheias, tanto a nível de cultura como de civilização*.<sup>40</sup>

---

40 FRAMPTON, Kenneth - História Crítica da Arquitectura Moderna. 8ª ed. Barcelona : Editora Gustavo Gili, 1996, p.318





## O Lugar. A Materialidade.

*A presença de certas obras provoca em mim algo misterioso. Parecem simplesmente estar lá. Uma pessoa não lhes dá nenhuma atenção especial. E, no entanto, é quase impossível imaginar o lugar onde estão sem elas. Estas obras parecem estar firmemente ancoradas ao chão. Funcionam como parte integrante do seu espaço envolvente e parecem dizer: Eu sou tal como tu me vês e daqui faço parte.*<sup>41</sup>

Não faz sentido imaginar um acontecimento sem o contextualizar. O propósito existencial do construir na arquitectura é fazer um sítio tornar-se num lugar, criar um novo lugar no pré-existente.

Heidegger, filósofo alemão, afirma que: *A ponte se estende lépida e forte sobre o rio. Ela não junta as margens que já existem, as margens é que surgem como margens somente porque a ponte cruza o rio. É a ponte propriamente dita que faz com que as margens fiquem uma defronte da outra. É pela ponte que um lado se opõe ao outro. Tampouco as margens correm ao longo do rio como faixas de fronteira indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte leva ao rio as duas extensões de paisagem que se encontram atrás delas. Põe o rio, as margens e a terra numa vizinhança recíproca. A ponte junta a terra, como paisagem, em torno do rio.*<sup>42</sup> A ponte transforma o sítio em lugar, um lugar que não existia como identidade antes da ponte, aproximou as margens e permitiu o contacto físico com o “outro lado”.

O acto fundamental que caracteriza a boa arquitectura passa por compreender a essência do lugar. O lugar tem uma componente simbólica, um espírito. Na Roma antiga acreditava-se que todo o ser independente possuía um *Genius*, um espírito que dava vida às pessoas e aos lugares e determinava a sua essência. Os antigos consideravam de extrema importância o estar de acordo com o *Genius* da localidade onde viviam, a sobrevivência dependia de uma boa relação com o lugar.

---

41 Zumthor, Peter - Pensar a arquitectura, Barcelona : Gustavo Gili, 2005, p11

42 Nesbitt, Kate - Uma nova agenda para a arquitectura : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosac Naify, 2006, p. 453



No Livro, *Genius Loci, Towards a phenomenology of Architecture*, Norberg Schulz aborda a temática da relação entre o edificado, o lugar e o significado existencial desta relação.

Considera-se, assim, o *Genius Loci* como a identidade própria de cada sítio, o que faz com que cada lugar seja único. O projecto nasce do sítio, do seu contexto e da interpretação pessoal do arquitecto para a intervenção no espaço. Assim, entendemos que, em arquitectura concretizar o *Genius Loci* consiste em conseguir, num projecto arquitectónico, reunir as propriedades do lugar e aproximá-las do Homem.

Louis Khan, também aborda esta temática. Para ele o *Genius* revela o que uma coisa é, ou o quer ser. Recuperando Schulz: *o acto fundamental da arquitectura é compreender a vocação do lugar e compreender a sua essência*.<sup>43</sup> É necessária uma compreensão do lugar para se conseguir projectar com sentido, e de forma útil e pertinente no contexto.

O lugar deve apresentar-se como o ponto de partida. *Começo um projecto quando visto um sítio*.<sup>44</sup>

Realço agora duas obras que me marcaram e que reflectem as preocupações que venho discutindo.

---

43 Nesbitt, Kate - Uma nova agenda para a arquitectura : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosac Naify, 2006, p. 45

44 SIZA, Álvaro, 01 textos (ed.: Carlos Moraes). Porto: Civilização Editora, 2009, p37

É evidente nas obras de Álvaro Siza a preocupação com o contexto que revela um método de projectar que parte de uma análise atenta do lugar identificando as potencialidades do pré-existente e dos factores, condições que determinam a sua essência. As piscinas de Leça são, sem dúvida, um projecto exemplar, na relação entre o lugar, a sua essência. A piscina municipal e o corpo dos balneários estão harmoniosamente implantados no lugar. O edifício desenvolve-se em paralelo com a via marginal não interferindo com a continuidade visual de quem nela circula, uma vez que a cobertura se encontra de nível com a avenida. *Está ancorado como um barco no muro marginal, dali não sai.*<sup>45</sup>

*O meu projecto pretendia optimizar as condições criadas pela natureza, que já ali tinha iniciado o desenho de uma piscina.*<sup>46</sup> Esta capacidade de interpretar o lugar que torna as obras de Siza únicas. O aproveitamento das depressões naturais do terreno para ali implantar as piscinas denotam esta harmoniosa aproximação ao lugar. Siza procura, assim, tirar partido da topografia existente, mais concretamente dos rochedos, *completando a contenção da água somente com as paredes estritamente necessárias.*<sup>47</sup> Tendo em conta as características topográficas do lugar, delinear uma geometria naquela imagem orgânica. *Arquitectura é geometrizar.*<sup>48</sup>

---

45 SIZA, Álvaro, 01 textos (ed.: Carlos Morais). Porto: Civilização Editora, 2009

46 SIZA, Álvaro, Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70, 2000, p25

47 Idem

48 Idem, p.27



Da leitura de um texto do livro *El árbol, el camino, el estanque, ante la casa*, de Luis Martínez Santa-Maria, onde aborda a Casa Malaparte, depreendemos que relação entre a obra e o lugar é evidente. Esta obra revela de forma inequívoca a capacidade que a arquitectura tem de tornar o sítio num lugar. Recordo-me de uma viagem que fiz a Capri e a sensação de ver a obra e a forma como torna aquele lugar único. Por entre escarpas acentuadas e um percurso acidentado percebi o que Santa-Maria afirma: *sem ilha não há casa*<sup>49</sup>, podendo também ser interpretado de outra forma, a casa enriquece a ilha, e torna-a “mais ilha”. O que era um local inóspito, sem dúvida belo, tornou-se num lugar habitável.

A obra distingue-se exatamente pela relação que conseguiu com o seu meio envolvente, com a terra, com o mar.

---

49 Santa-Maria, Luis Martínez - *El árbol, el camino, el estanque, ante la casa*. Barcelona : Caja de Arquitectos, 2004



*Mas para fazer parte da história do lugar, digamos assim, com êxito, é necessário, do meu ponto de vista, que o projeto trate de se apoderar, não tanto daquilo que mais nos seduz, do que parece chegar até nós como emanção do lugar (...) o lugar ensina, exige, e, às vezes, decide por nós.*<sup>50</sup>

Não faz sentido a construção de um objecto arquitectónico sem um lugar, uma cultura que o condiciona mas ao mesmo tempo dá sentido. Esta capacidade de interpretar o contexto para nele projectar com sentido foi uma premissa que procuramos explorar na solução desenvolvida. Pretende-se que o projecto, valorize as potencialidades do terreno, e que transforme o lugar para melhor.

A propósito do exposto, Tadao Ando afirma que: *A criação arquitectónica funda-se na acção crítica. Nunca se resume a um método para a solução de problemas por meio do qual determinadas condições são reduzidas a questões técnicas. A criação arquitectónica supõe a contemplação das origens e da essência dos requisitos funcionais de um projecto e a subsequente determinação dos seus problemas essenciais. Somente dessa maneira o arquitecto pode manifestar na arquitectura o carácter das suas origens.*<sup>51</sup>

Assim, a arquitectura deve pertencer ao lugar, de forma a torná-lo num sitio melhor, não o desvirtuando. No ensaio *The Isms of Contemporary Architecture* de 1983, Frampton desenvolve uma reflexão em torno do que define por *regionalismo crítico*, dando ênfase a este interesse fenomenológico da especificidade do lugar. Para o autor, esta abordagem regionalista surge desta noção de construir o lugar.

---

50 Grassi, Giorgio - *Arquitectura lengua muerta y otros escritos*. Barcelona : Serbal, 2003, p. 130

51 Nesbitt, Kate - *Uma nova agenda para a arquitectura : antologia teórica 1965-1995*. São Paulo : Cosac Naify, 2006, p.494

*A demolição de uma topografia irregular transformando-a numa superfície plana é claramente um gesto tecnocrático que aspira a uma condição de absoluta deslocalização, enquanto que a aplanção do mesmo local no sentido de receber uma edificação em forma de plataformas é um compromisso no acto de “cultivar” o local.<sup>52</sup>*

A arquitectura cria uma nova paisagem e por isso tem a responsabilidade de transformar as características de determinado lugar sem o agredir.

Para Frampton este é um tema preocupante na arquitectura contemporânea, pois assistimos à ausência da ancestral ligação do homem ao lugar. Como afirma Vittori Gregotti: *O pior inimigo da arquitectura moderna é o conceito de espaço considerado exclusivamente em termos das suas exigências técnicas e económicas indiferente à ideia do local.*<sup>53</sup> Devemos assim, apoiar a criação arquitectónica na importância das características locais como a luz, o clima o artesanato e os materiais locais contribuindo, assim, para que a arquitectura pertença ao lugar.

*A arquitectura baseada nas práticas construtivas regionais é mais correcta do ponto de vista ecológico, além de diferenciada do ponto de vista estético*<sup>54</sup> permitindo, desta forma, valorizar as particularidades do lugar.

---

52 Nesbitt, Kate - Uma nova agenda para a arquitectura : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosac Naify, 2006

53 Nesbitt, Kate - Uma nova agenda para a arquitectura : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosac Naify, 2006

54 SIZA, Álvaro, 01 textos (ed.: Carlos Morais). Porto: Civilização Editora, 2009, p.48



*Assim fosse na Holanda, onde montanhas de livros e de experiência e de informação computadorizada me abrem mil vias proibidas. Para tudo tenho mil apoios, mil disciplinas me acompanham fraternalmente, a não ser na solidão multiplicada de ser eu a escolher o que não posso escolher. Os mais capazes deixam colar as coisas que pensaram - como matéria - sobre a matéria que não pensaram.*

*Aí permanecem, até que as primeiras tempestades põem a nu o que era de prever: não existem.*<sup>55</sup>

Vivemos numa época em que as possibilidades são infinitas, no entanto isto não quer dizer que seja mais fácil escolher e definir a materialidade do projecto. O arquitecto deve, antes de se perder na diversidade de opções, olhar o lugar e construir de acordo com o mesmo. Se fossemos totalmente livres os lugares perderiam o seu carácter, as suas características tudo seria desconexo e sem sentido. Manter a identidade e essência de um lugar deve ser condição indispensável à produção arquitectónica. É o carácter que torna os lugares únicos e indica, de certa forma, uma atmosfera geral e a forma e substância concreta dos elementos definidores do espaço.

*Quando visitamos uma cidade estrangeira, geralmente o que nos impressiona é o seu carácter peculiar, que é parte importante da experiência. As paisagens também possuem carácter, algumas das quais são de um tipo especialmente natural. (...) É importante assinalar que geralmente todos os lugares possuem um carácter, e que essa qualidade peculiar é a maneira básica em que o mundo nos é dado.*<sup>56</sup>

---

55 SIZA, Álvaro, 01 textos (ed.: Carlos Morais). Porto: Civilização Editora, 2009, p.48

56 Nesbitt, Kate, Uma nova agenda para a arquitectura : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosac Naify, 2006, p.497

*Leio as críticas. Ouço da estranheza de não se encontrar em Berlim um só dos delicados trabalhos de madeira de projectos anteriores; ou em Macau os frágeis quarteirões do Porto (sobre que granito?). Por vezes a culpa é atribuída aos arquitectos estrangeiros que comigo trabalharam, aos quais, ao contrario, devo muito do que aprendi, e ainda apoio inesquecível, paciência no longo processo de um projecto, tradução do que não se apreende imediatamente, como desejava e necessitava.*

*Pela minha parte, estranho que a poucos interesse, vindo de mãos de outras terras, o encantamento dos mil cinzentos de reboco, ou do tijolo enegrecido, dos grandes muros sem janelas, ou das esquadrias de madeira de pesada secção; dos ritmos invariáveis de janelas, que só se rompem, explodindo, no dobrar das esquinas, ou onde algo exterior a Architectura acontece. Paciência.<sup>57</sup>*

Siza mostra particular atenção à importância do carácter do lugar, que deve ser preservado e se impõe como condicionante fulcral do processo projectual. *É possível que as cidades que convidam arquitectos estrangeiros deles esperem o oposto do que aí se faz, exorcizando o conflituoso e fecundo cruzamento de culturas que o mundo do trabalho protagoniza. Seria belo fixar as sínteses que se adivinham ou supõem, universalizar as surpresas de luz que o sol do Sul concede. Mas tal não concede o desenho, naturalmente, não lhe sendo possível senão agir nas margens do que se move.<sup>58</sup> É necessário preservar o carácter do lugar, devemos perguntar como é o solo que pisamos, como é o céu sobre nossas cabeças, ou de um modo mais geral, como são as fronteiras que definem o lugar.<sup>59</sup>*

---

57 SIZA, Álvaro, 01 textos (ed.: Carlos Morais). Porto: Civilização Editora, 2009

58 SIZA, Álvaro, 01 textos (ed.: Carlos Morais). Porto: Civilização Editora, 2009

59 Nesbitt, Kate - Uma nova agenda para a arquitectura : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosac Naify, 2006, p.497

Esta espécie de obsessão pela especificidade do lugar, pela tradição, não quer, contudo, dizer que não exista espaço para a inovação. A inovação deve, no entanto, surgir apoiada nas bases da tradição permitindo assim que a arquitectura evolua em continuidade com o passado, revisitando-o criticamente.

O projecto surge assim como uma oportunidade de transformar o modo de viver deste lugar, mas que vem dar continuidade e propiciar a evolução deste lugar, perpetuando a sua identidade.



## Considerações finais

Ao longo da presente dissertação procuramos apresentar e fundamentar o projecto não só como consequência organizada da função e das relações programáticas, mas também como uma proposta que parte da exploração da sua relação com a especificidade do lugar. Defende-se assim, a ideia de forma como síntese de várias circunstâncias e condicionantes, quer funcionais quer projectuais e ao subjectivo entendimento de quem a define, numa constante relação entre razão, intuição e emoção.

A propósito do exposto e sobre o processo criativo de Ruy D'Athouguia, citamos Graça Correia quando afirma que *ao contrário da arquitectura pré-moderna e das tendências pós modernas, a forma não deriva de nenhum sistema prévio exterior a ela ( historicista, existencialista ou ideológico) e nem é tão pouco o objectivo da actividade criadora. Nesta arquitectura, moderna ou herdeira directa do modernismo, o projecto é a actividade totalizadora que sintetiza na forma os requisitos do programa, as sugestões do lugar e a disciplina da construção.*<sup>60</sup>

Quer no contexto cultural e intelectual que enquadrou a actividade projectual de Ruy D'Athouguia, quer na contemporaneidade, não podemos pensar a forma sem ter em conta estas questões quer funcionais quer materiais e na relação com o lugar sob pena da perda clara da força e intensidade da mesma. Assim, no projecto que se apresenta, a forma surge determinada por várias circunstâncias, quer em função das questões funcionais; do lugar; dos caminhos definidos que permitam a continuidade entre o existente e o que se pretende.

O acto criador é um processo de experimentação que não se esgota. O edifício proposto é apenas uma parte de todo um projecto, completando-o de acordo com uma estratégia de conjunto que lhe dá sentido. O projecto envolveu também uma dimensão paisagística, ao nível da estruturação da rede de percursos, na sua relação com a topografia relacionando os programas pré-existentes com os novos, bem como a programação de diferentes áreas de exploração agrícola e florestal.

---

60 Graça Correia, Permanência do Moderno –Ruy Athoguia in J.A.229, p.29.

Tendo em conta o exposto, e em síntese, pretende-se que o novo edifício proposto surja em continuidade com os novos caminhos definidos em articulação com os já existentes e que são parte da estrutura e vivência da Quinta. Cada caminho leva-nos a um novo espaço, a uma nova atmosfera.

Propõe-se, assim, que o volume surja na relação com os percursos, com os campos desportivos e com os espaços agrícolas e de estar. Um volume semi-enterrado que surge na continuidade com o caminho e garante a continuidade do olhar explorando um enfiamento visual que explora o potencial paisagístico do território envolvente. O objectivo passou por manter esta lógica de percursos que organizam diferentes acessos a toda a Quinta, com o desenvolvimento de um volume que assenta no desejo de estar integrado na paisagem, sem a desvirtuar. A cobertura é o caminho que tal como os outros é materializado em saibro e o muro de pedra que o delimita penetra no volume dando origem à entrada. Aí aparece o betão que se pretende rebocado anunciando o edifício, conforme se apresenta nos desenhos no volume anexo a esta dissertação. A galeria exterior, a norte, permite criar um acesso alternativo ao edifício. O grande plano de vidro da galeria permite iluminar os espaços de forma controlada bem como conferir leveza à solução. A sul, na sala que se pretende polivalente, um novo plano de vidro abre-se para um espaço exterior que se encontra escavado no terreno, um espaço resguardado que pretende ser o prolongamento da sala. De forma a controlar as grandes consolas foi criado um sistema de apoio de vigas em perfis tubulares com 8cm por 18cm permitindo esconder os mesmos atrás do caixilho possibilitando, assim, a continuidade do plano envidraçado. No interior, um pequeno pátio, não obstante a sua função como um espaço de estar, serve para iluminar a zona dos sanitários bem como a rampa de acesso à cota que se encontra na relação com o espaço exterior escavado.

Apresentamos de seguida, os desenhos que consideramos pertinentes para a compreensão da proposta desenvolvida, como resposta concreta às premissas e reflexões que se procurou explicitar.

Távora afirma que *a compreensão total de uma forma será tanto mais perfeita quanto mais se transforme em vivência*.<sup>61</sup> Esperemos que tal se possa concretizar, dando não só resposta à nossa vontade, tendo também em conta as necessidades do lugar que se quer vivido.

---

61 TÁVORA, Fernando, Da organização do espaço. Porto: Faup Publicações, 1996, p.22







## Referências Bibliográficas

Associação dos Arquitectos Portugueses, *Arquitectura Popular em Portugal*, Volume I. Lisboa:1961

Associação de estudantes da faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, *Revista Unidade* 5, 1997

DOMINGUES, Álvaro, *Vida no Campo*, Edição Dafne Editora, Porto 2011, p.6

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, *O que é a filosofia?*, Lisboa: Presença editora, 1992

FRAMPTON, Kenneth, *História Crítica da Arquitectura Moderna*, 8ª ed. Barcelona : Editoria Gustavo Gili, 1996. P.318

GOMES, Paulino; Belmiro Pinto da Silva, *Fafe: Nos montes longos do Minho*, 2ªedição Anégia Editores

GRASSI, Giorgio, *Arquitectura lengua muerta y otros escritos*, Barcelona Serbal, 2003

J-A 229. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2007

LINO, Raul, *Casas Portuguesas*, Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, Lisboa, 1992

MUNARI, Bruno, *Das Coisas Nascem Coisas*, Edições 70, 1981

Nesbitt, Kate, *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica, 1965-1995*. São Paulo : Cosac Naify, 2006

Ordem dos Arquitectos, *Arquitectura popular em Portugal*, Edição: Ordem dos Arquitectos, 2004, p.5

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, *Arquitectura tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote , Lisboa, 1992

Paulo Mendes da Rocha (ed.: Rosa Artigas). São Paulo: Cosac & Naify, 2002

ROSSI, Aldo, *A arquitectura da cidade*, Lisboa : Cosmos, 2001

SANTA-MARIA, Luis Martínez, *El árbol, el camino, el estanque, ante la casa*, Barcelona : Caja de Arquitectos, 2004

SIZA, Álvaro, *01 textos* (ed.: Carlos Morais). Porto: Civilização Editora, 2009

SIZA, Álvaro - *02 textos*, Lisboa : Parceria A. M. Pereira, 2018

SIZA, Álvaro - *Álvaro Siza: Uma questão de medida*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009

SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*, Lisboa: Edições 70, 2000

SOLÀ-MORALES, Ignasi de, *Los Artículos de Any*, Barcelona: Fundación Caja Arquitectos, 2009

TAVARES Lino; ALARCÃO, Pedro, *Interpretar a Ruína, Contribuições entre campos disciplinares*, Porto: FAUP publicações 2011

TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto: Faup Publicações, 1996

TEIXEIRA, Manuel C.- *Arquitectura do granito: Arquitectura popular*, Arcos de Valdevez: Municipio, 2014

VIANA, Pedro, *Território, Povoamento, Construção*. Manual. Ponte da Barca: ADERE, 1999

ZEVI, Bruno, *Saber ver a arquitectura*, 5ª ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1996

ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas: entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam*, Barcelona : Gustavo Gili, 2006

ZUMTHOR, Peter, *Pensar a arquitectura*, Barcelona : Gustavo Gili, 2005

## ÍNDICE DE IMAGENS

01- Fotografia do autor  
02- Fotografia do autor  
03- Fotografia do autor  
04- Fotografia do autor  
05- Fotografia do autor

06- © Paulo Pacheco  
07- © Paulo Pacheco  
08- © Paulo Pacheco  
09- © Paulo Pacheco  
10- © Paulo Pacheco  
11- © Paulo Pacheco  
12- © Paulo Pacheco  
13- © Paulo Pacheco  
14- © Paulo Pacheco  
15- © Paulo Pacheco  
16- © Paulo Pacheco  
17- © Paulo Pacheco  
18- © Paulo Pacheco  
19- © Paulo Pacheco  
20- © Paulo Pacheco  
21- © Paulo Pacheco  
22- © Paulo Pacheco  
23- © Paulo Pacheco  
24- © Paulo Pacheco  
25- © Paulo Pacheco

26- Fotografia do autor  
27- Fotografia do autor  
28- Fotografia do autor  
29- Fotografia do autor  
30- Fotografia do autor

31- Imagem Processo  
32- Imagem Processo

33- Piscinas de Leça, Álvaro Siza Vieira Disponível em <https://www.archdaily.com.br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos/57ed0e44e58ece02a0000128-as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos-foto>  
34- Casa Malaparte, Adalberto Libera Disponível em <https://www.metalocus.es/en/news/casa-malaparte-vs-kate-moss-jamie-bochert>



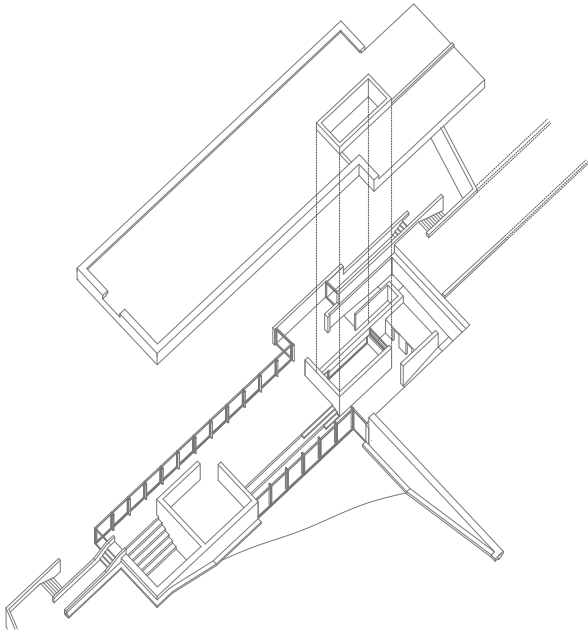




VOLUME DOIS DE DOIS

DA VONTADE DE CRESCER,  
PROJECTO DE EXPANSÃO DA CASA *DE DOCIM*

PEÇAS DESENHADAS



ÍNDICE DE ANEXOS

- Anexo (01)  
Planta existente
- Anexo (02)  
Planta proposta
- Anexo (03)  
Perfis PF1 e PF2
- Anexo (04)  
Perfis PF3 e PF4
- Anexo (05)  
Sector A
- Anexo (06)  
Sector B
- Anexo (07)  
Sector C
- Anexo (08)  
Sector D
- Anexo (09)  
Sector E Planta cota 409
- Anexo (10)  
Sector E Planta cota 405
- Anexo (11)  
Cortes C1 e C2
- Anexo (12)  
Alçados A1 e A2
- Anexo (13)  
Pormenor construtivo
- Anexo (14)  
Axonometria
- Anexo (15)  
Fotomontagem





DA VONTADE DE CRESCER

PROJECTO DE EXPANSÃO DA *CASA DE DOCIM*

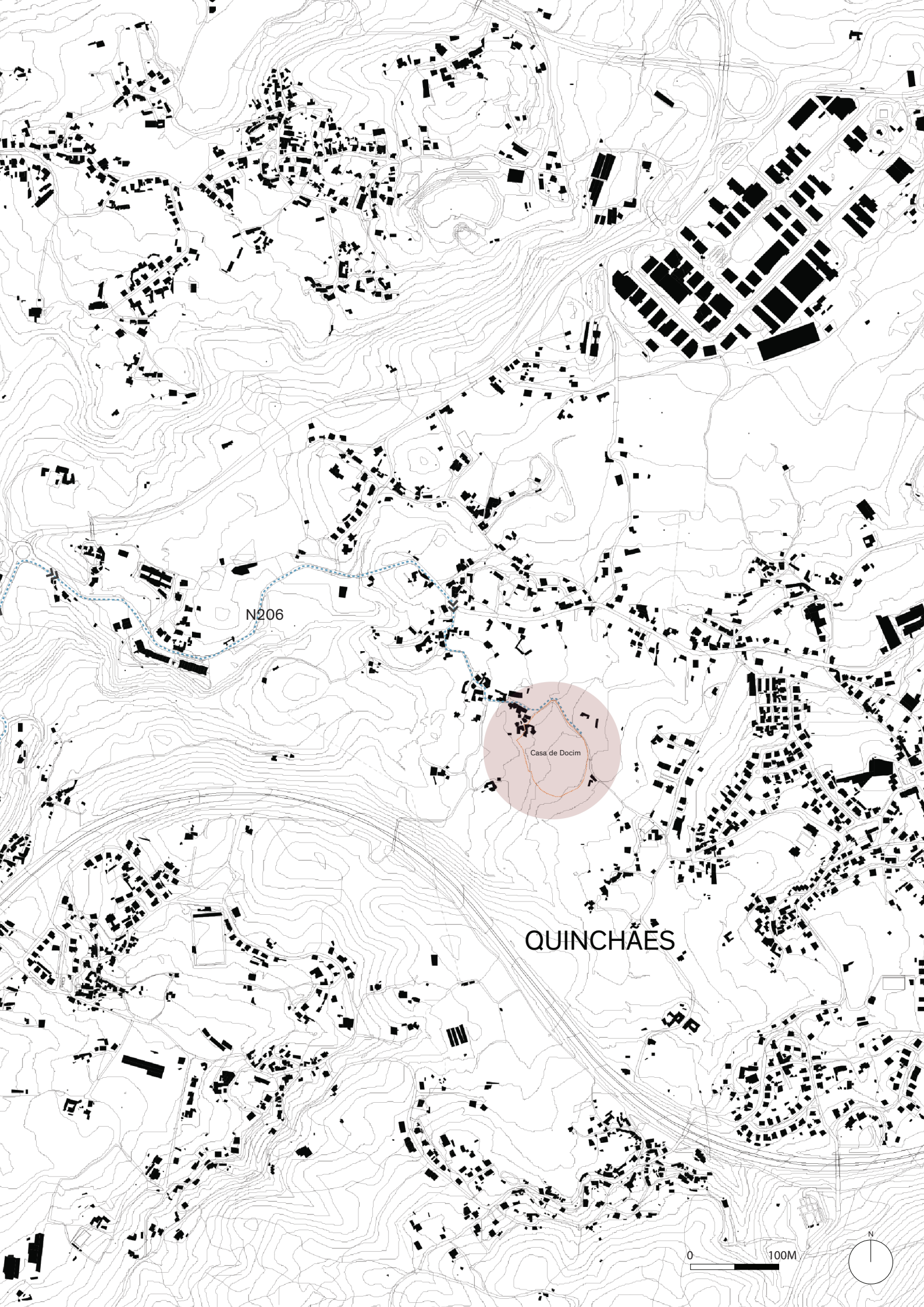


Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto  
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Docente Orientador: Professora Doutora Raquel Alexandra Geada e Paulino  
Autor: João Maria Ferreira de Melo de Sá Couto







N206

Casa de Docim

QUINCHÃES

0

100M

N



**ANEXOS**

01-15







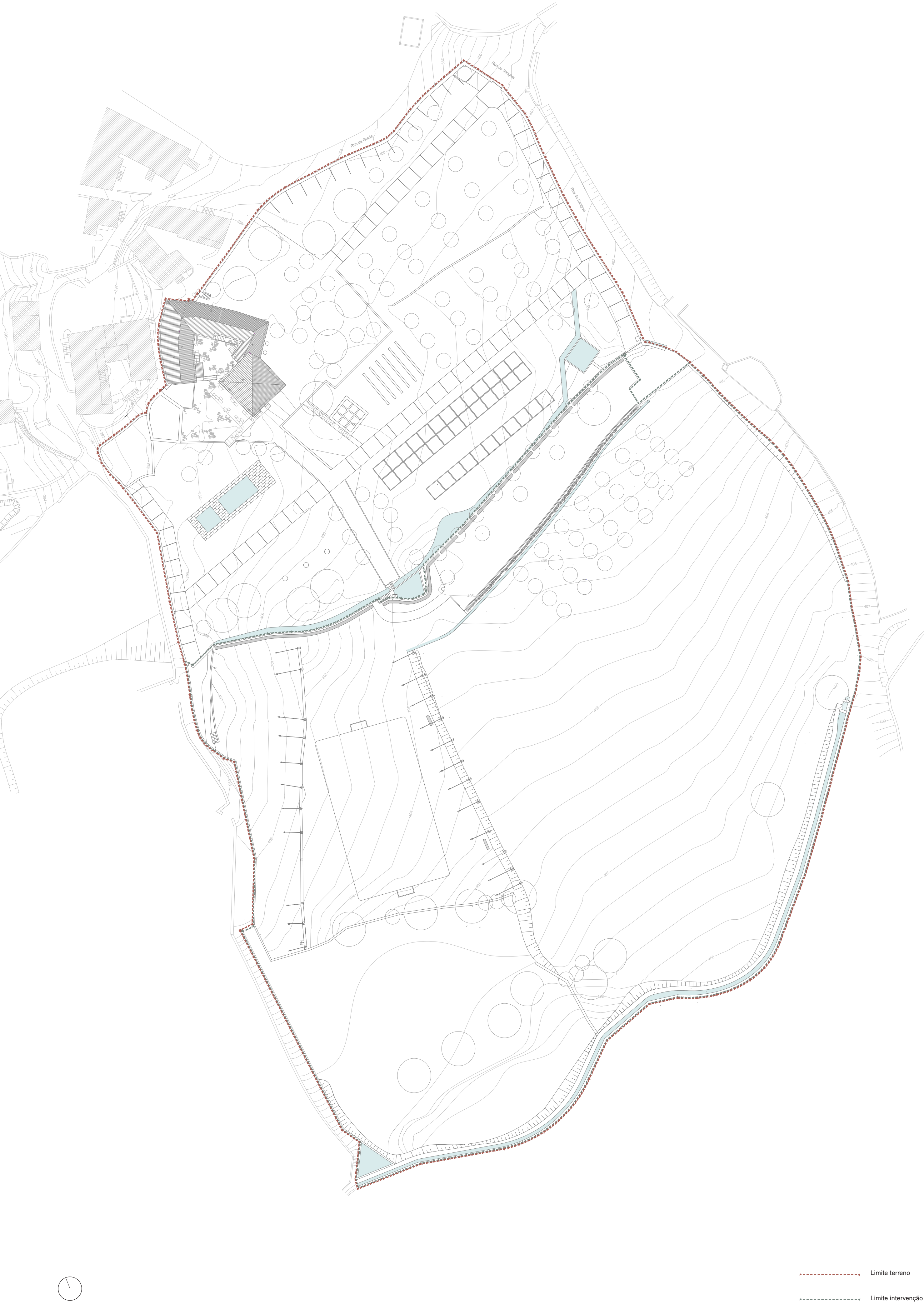




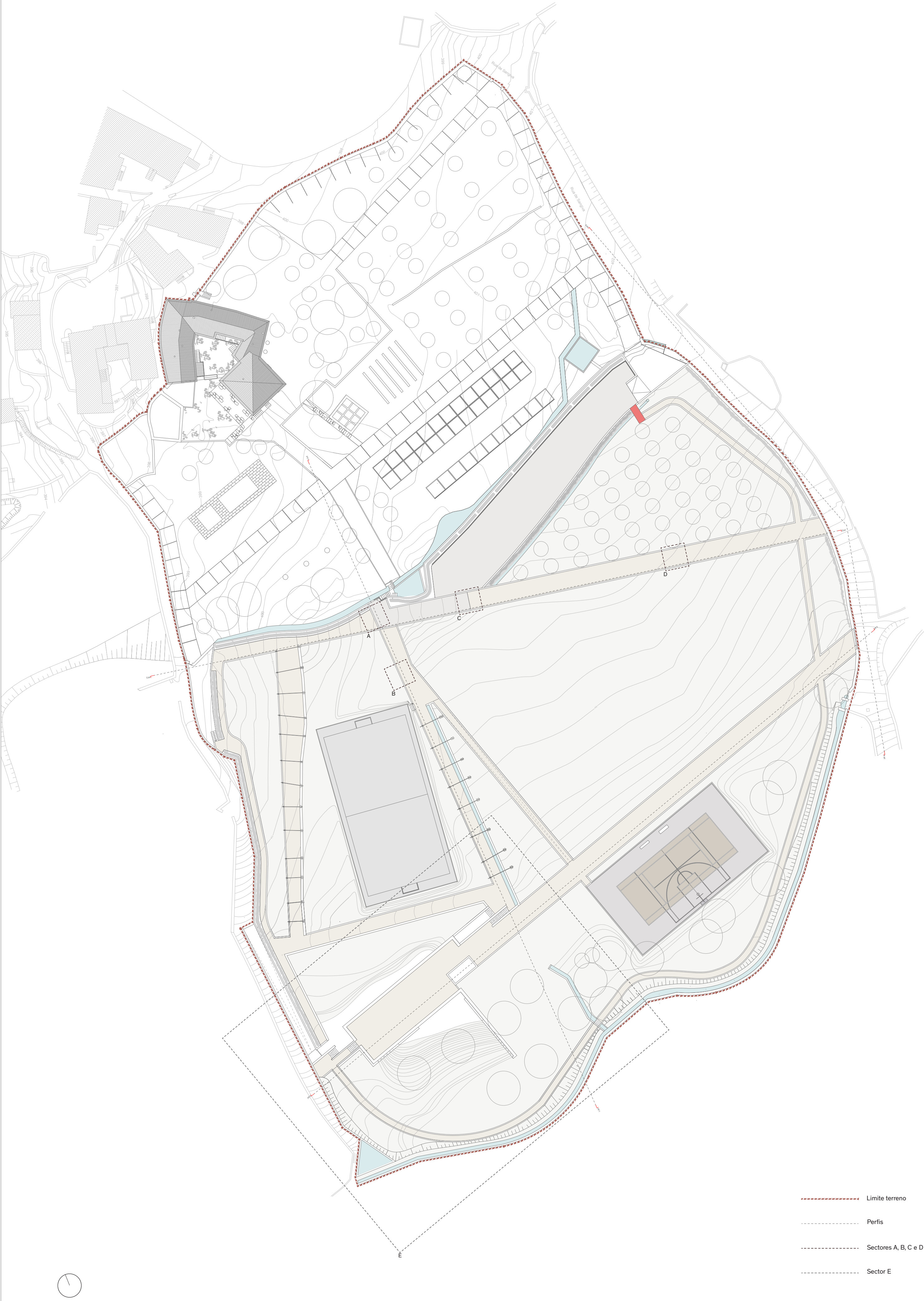




ANEXO 1  
PLANTA GERAL EXISTENTE ESCALA 1.500

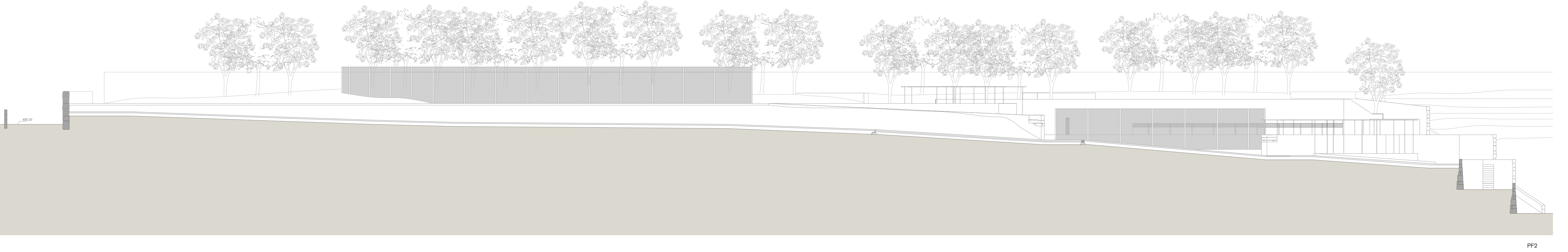
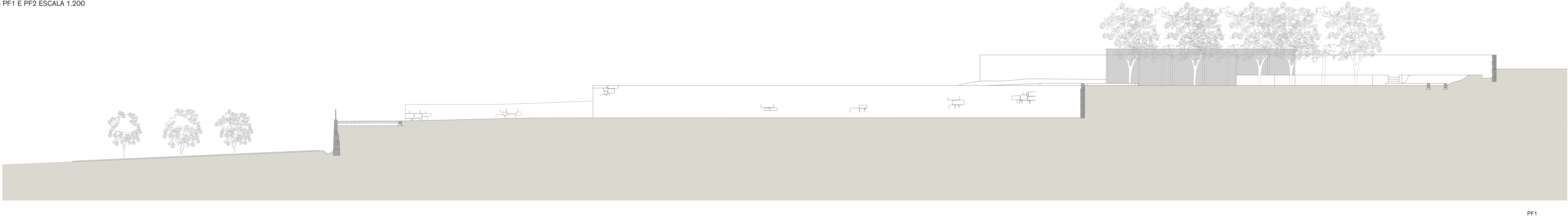


ANEXO 2  
PLANTA GERAL PROPOSTA ESCALA 1.500

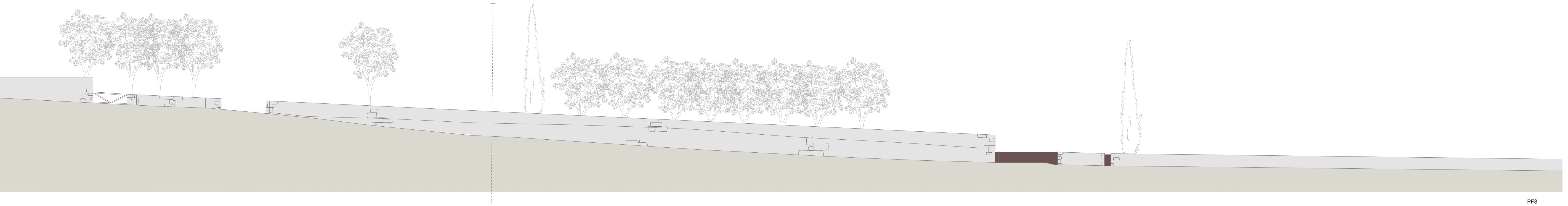




ANEXO 3  
PERFIS PF1 E PF2 ESCALA 1:200

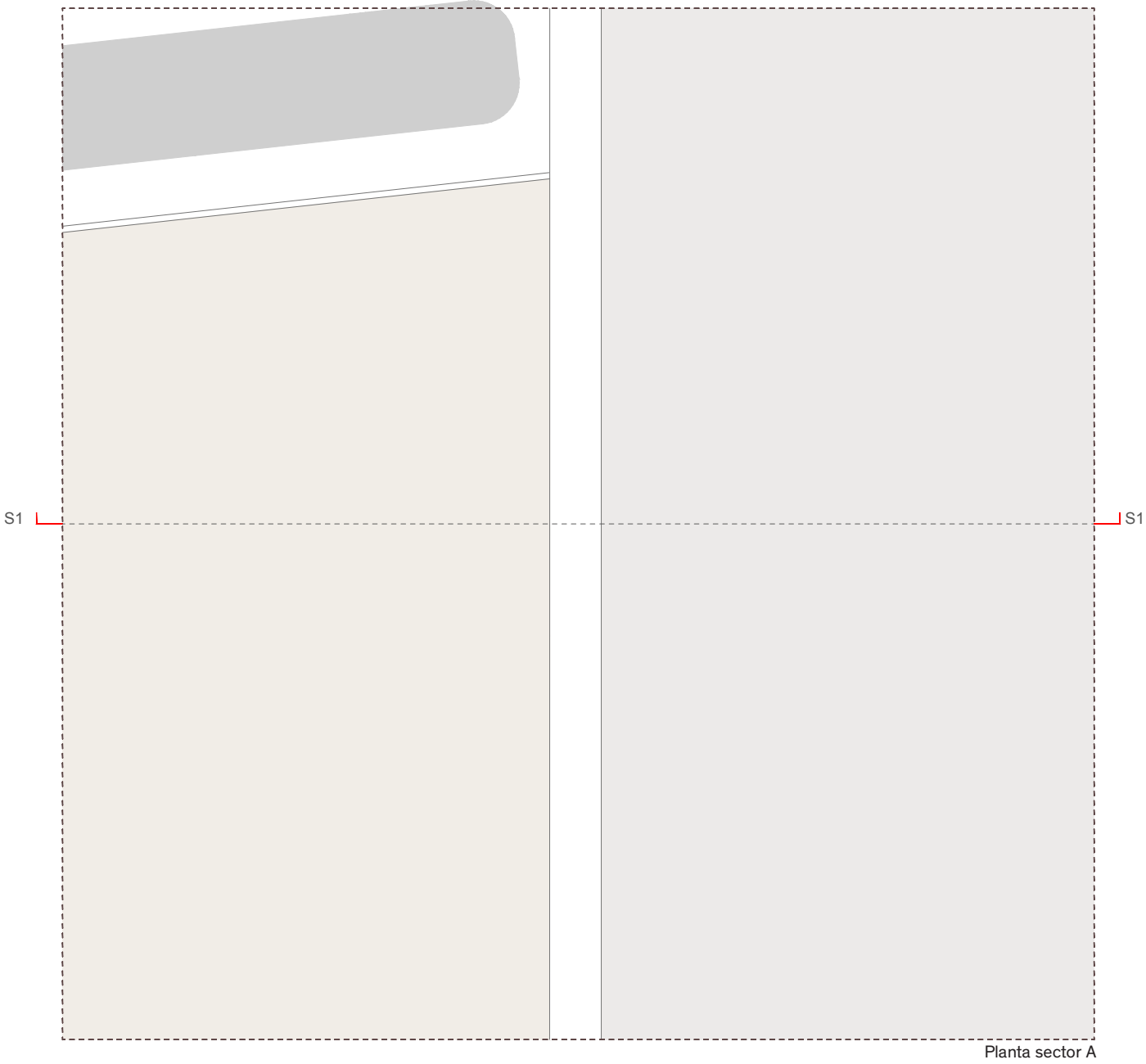


ANEXO 4  
PERFIS PF3 E PF4 ESCALA 1:200

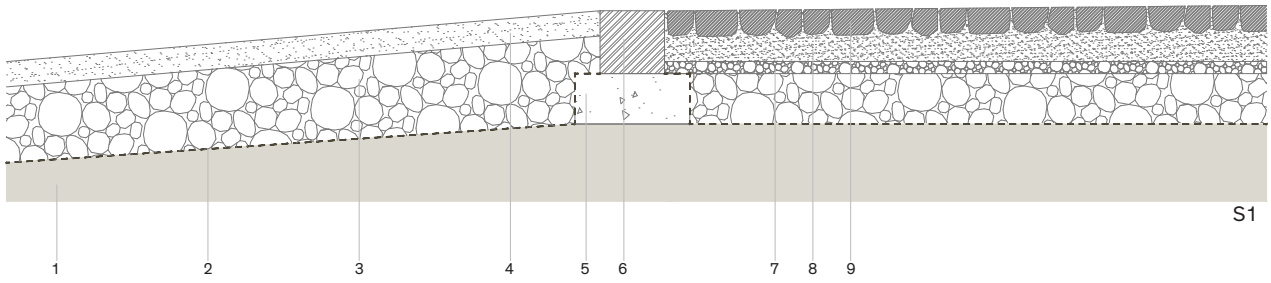




ANEXO 5

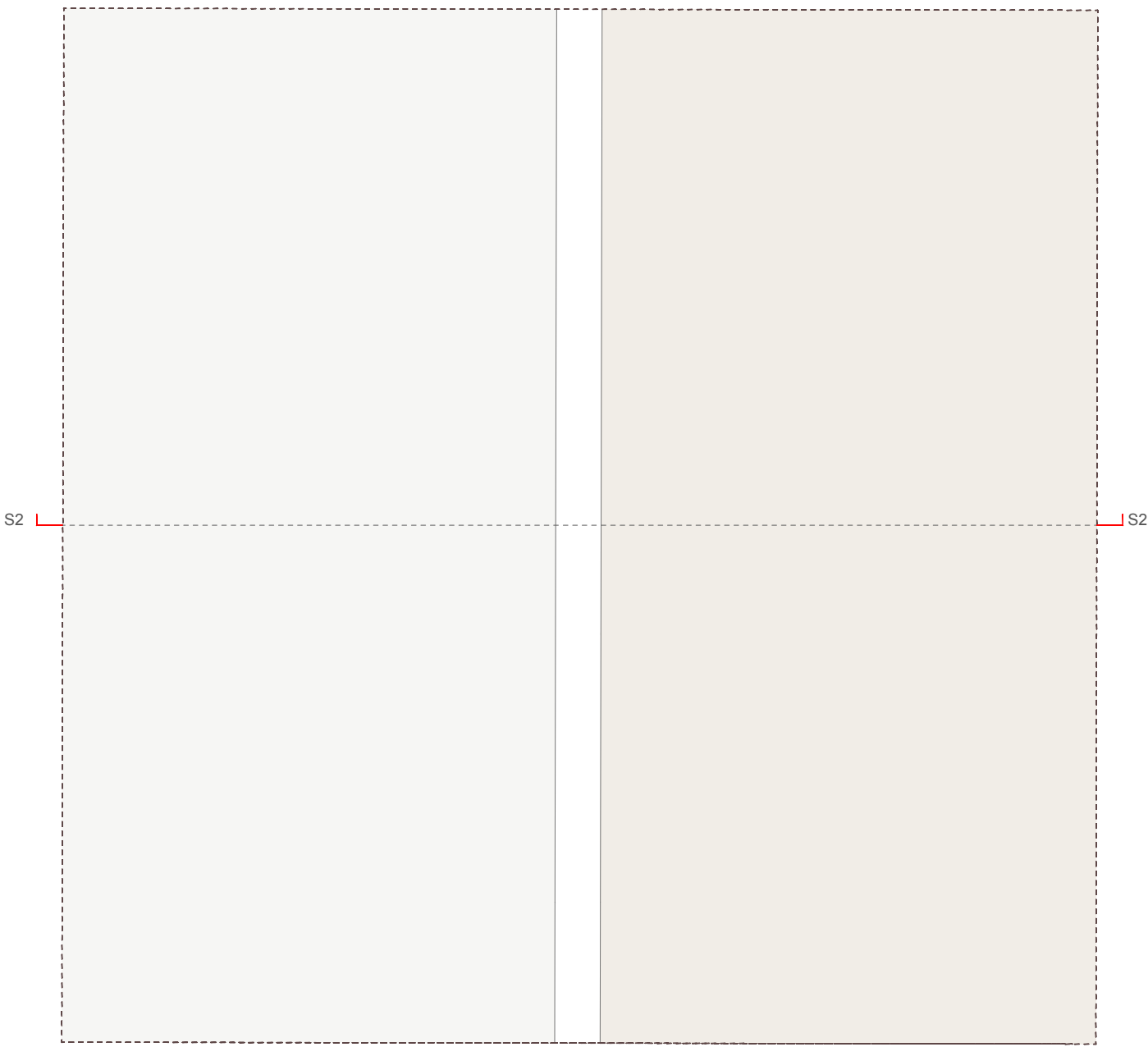


Planta sector A

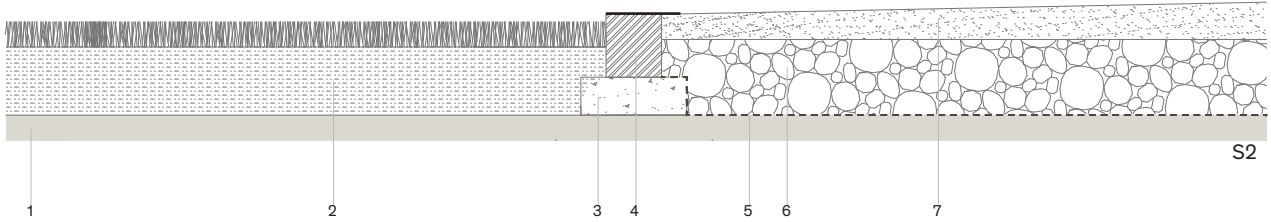


1- Terra compactada 2- Manta geotêxtil 3- Agregado britado 4- Saibro compactado 5- Secção de assentamento em betão 6- Guia em granito 7- Agregado britado 8- Traço seco 9- Calçada Granito

ANEXO 6

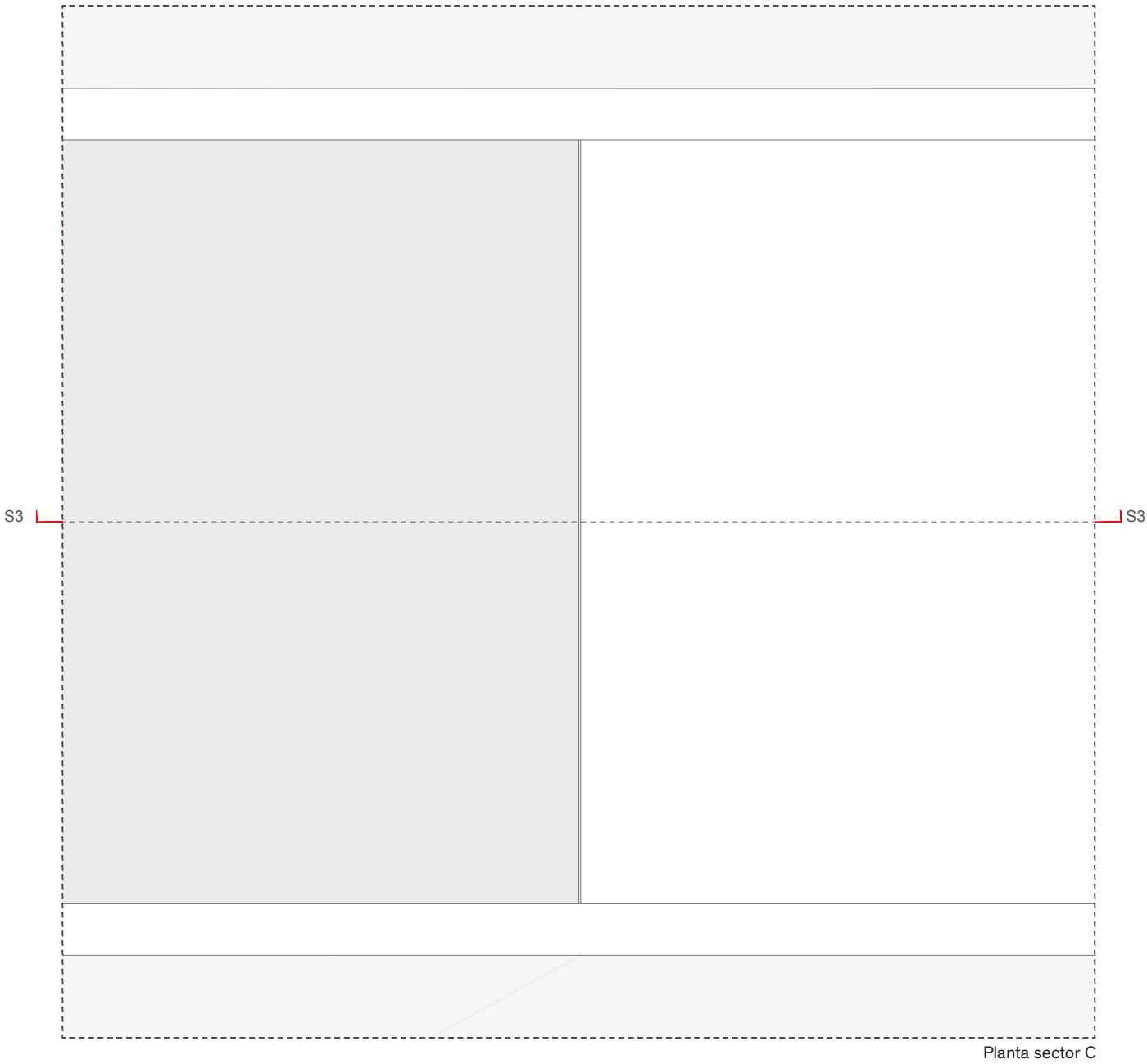


Planta sector B

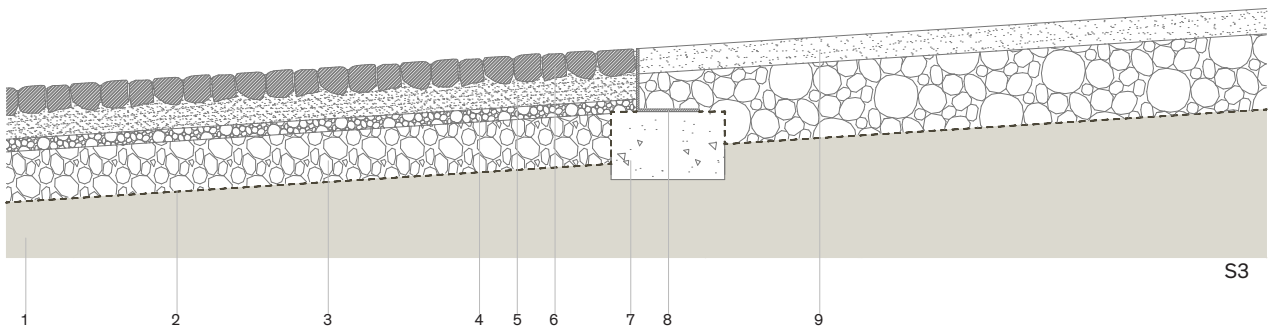


1- Terra compactada 2- Solo existente 3- Secção de assentamento em betão 4- Guia em Granito 5- Manta geotêxtil 6- Agregado britado 7- Saibro compactado

ANEXO 7

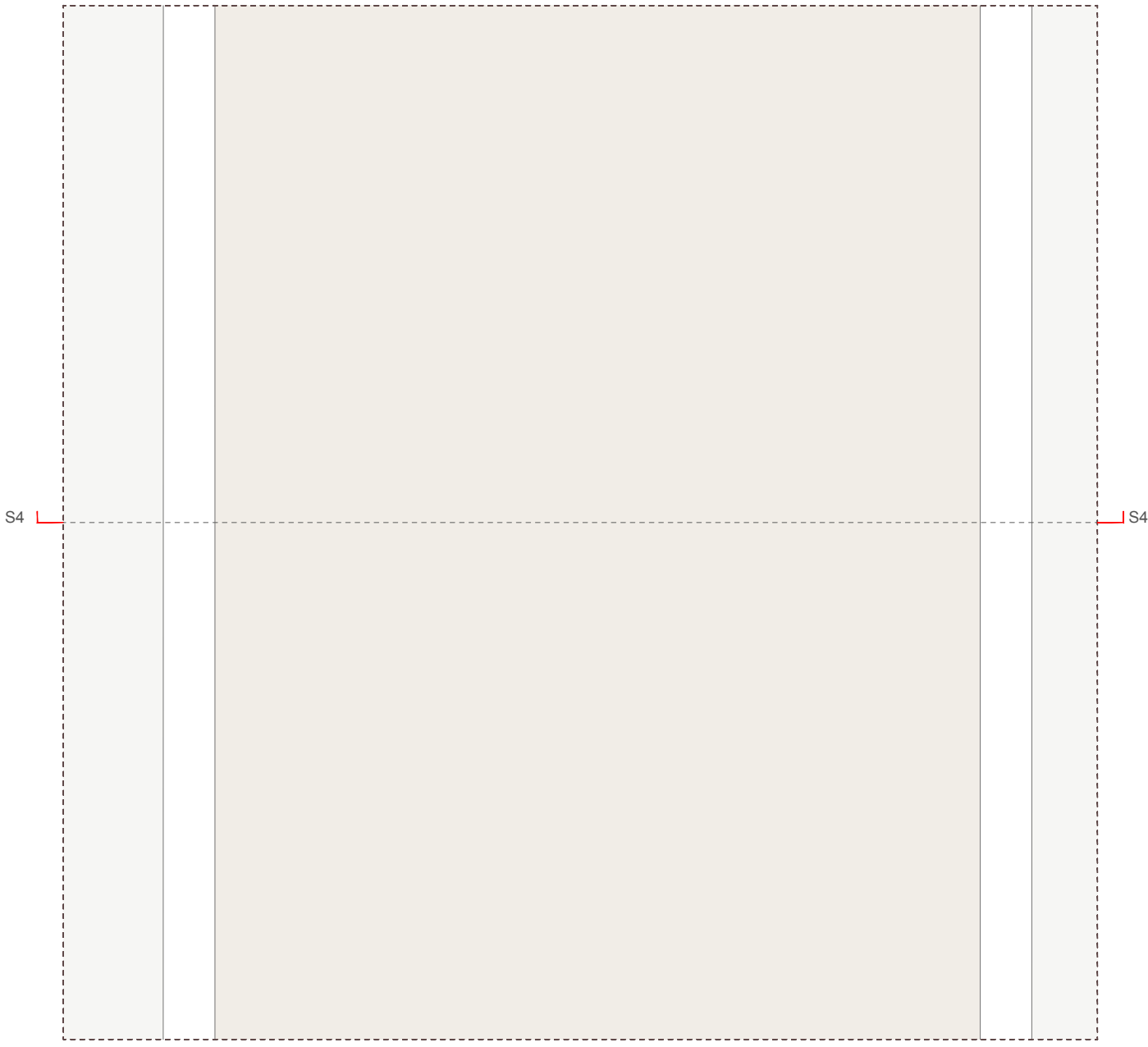


Planta sector C

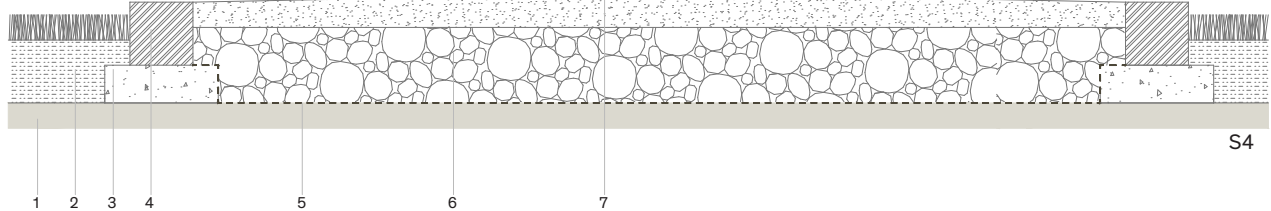


1- Terra compactada 2- Manta geotêxtil 3- Agregado britado 4- Agregado britado 5- Traço seco 6- Calçada em granito 7- Secção de assentamento em betão 8- Cantoneira 9- Saibro compactado

ANEXO 8

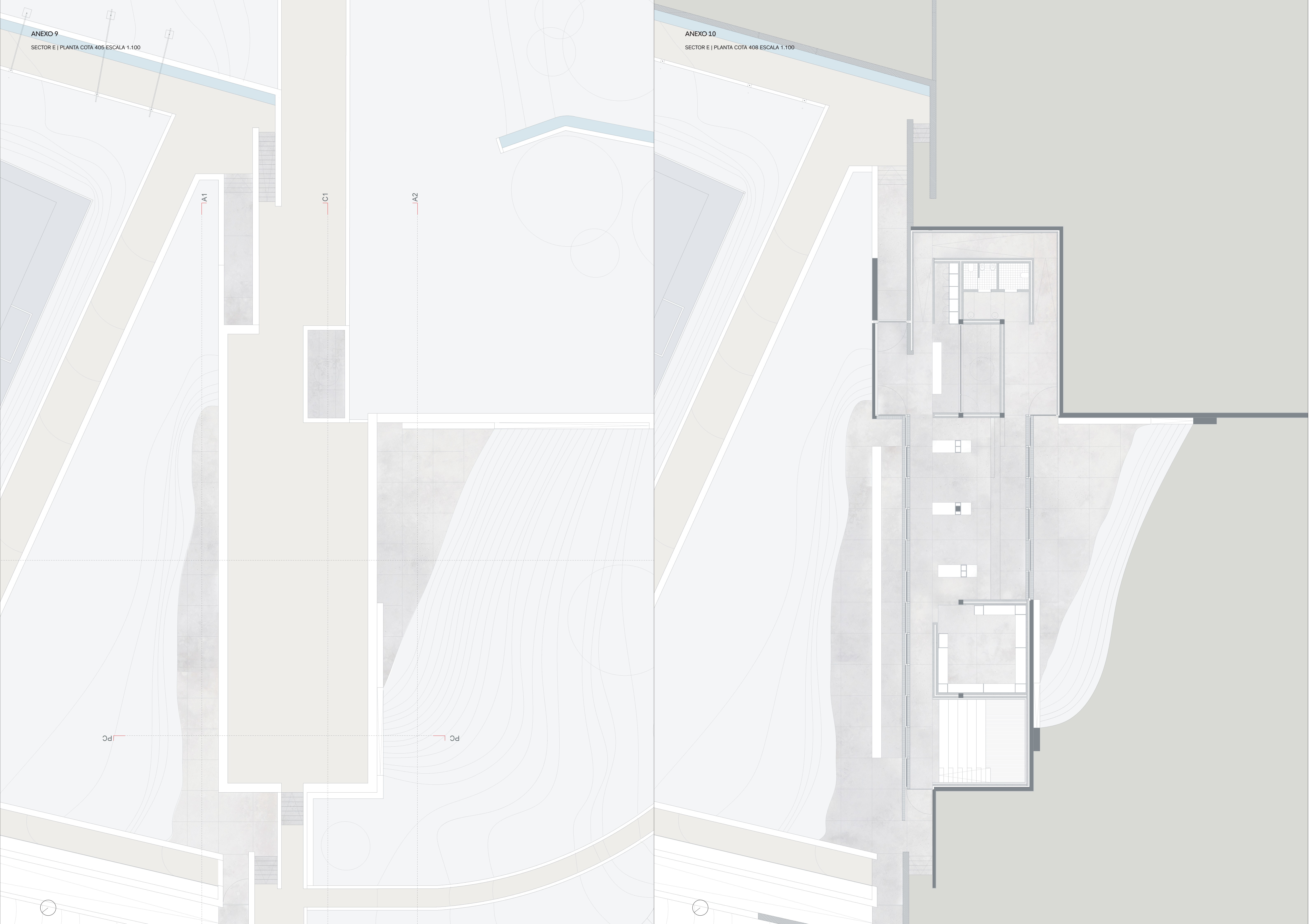


Planta sector D



1- Terra compactada 2- Solo existente 3- Secção de assentamento em betão 4- Guia em Granito 5- Manta geotêxtil 6- Agregado britado 7- Saibro compactado

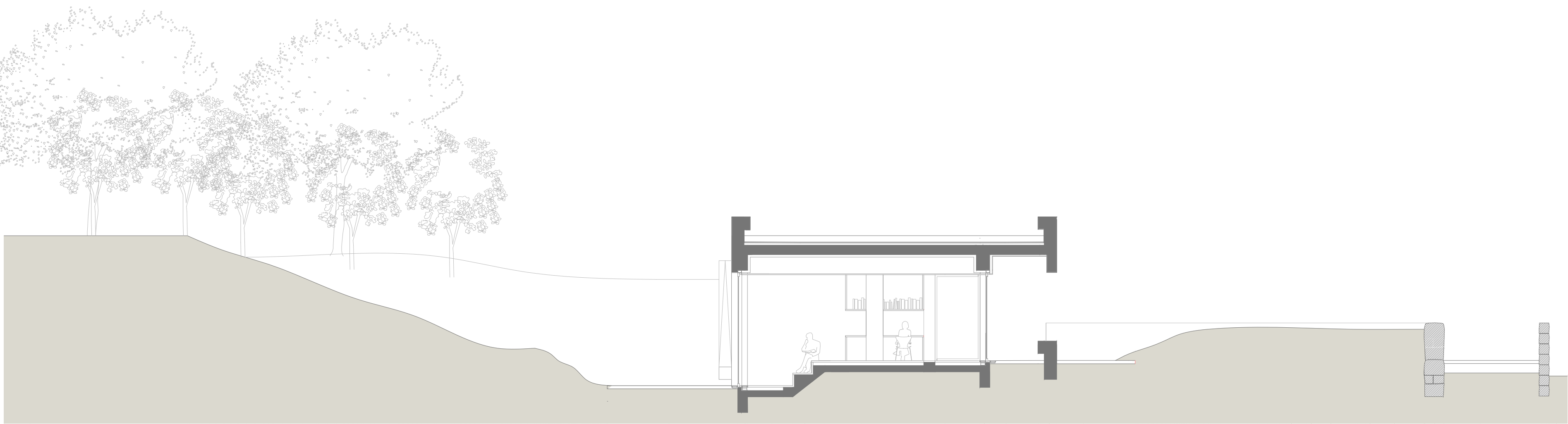






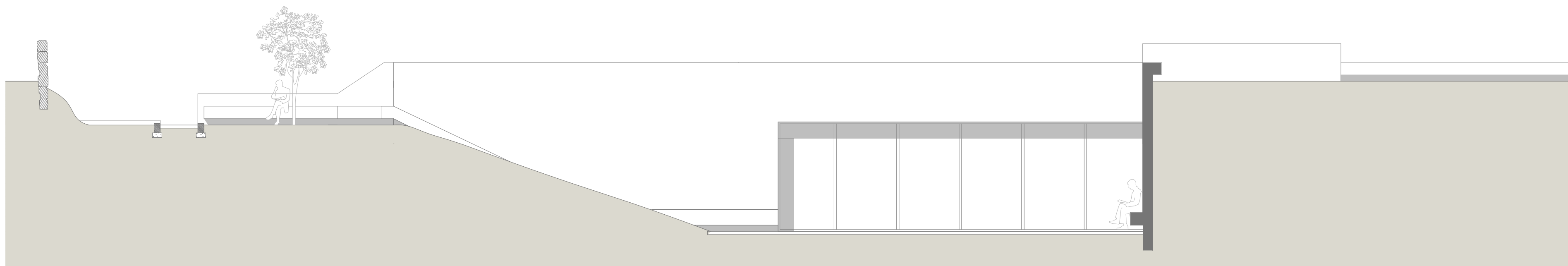
ANEXO 11

CORTE C1 E C2  
ESCALA 1:100



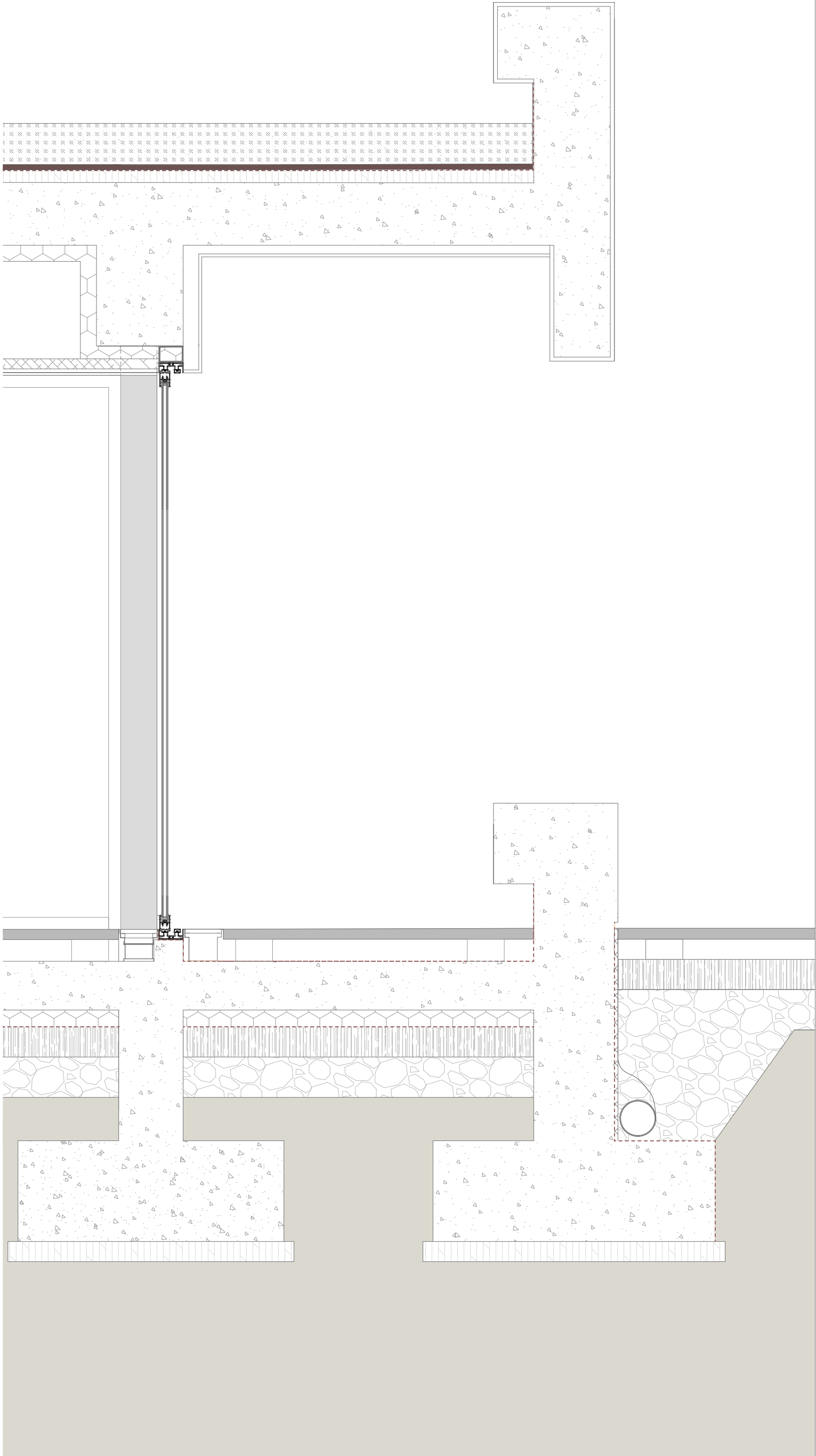
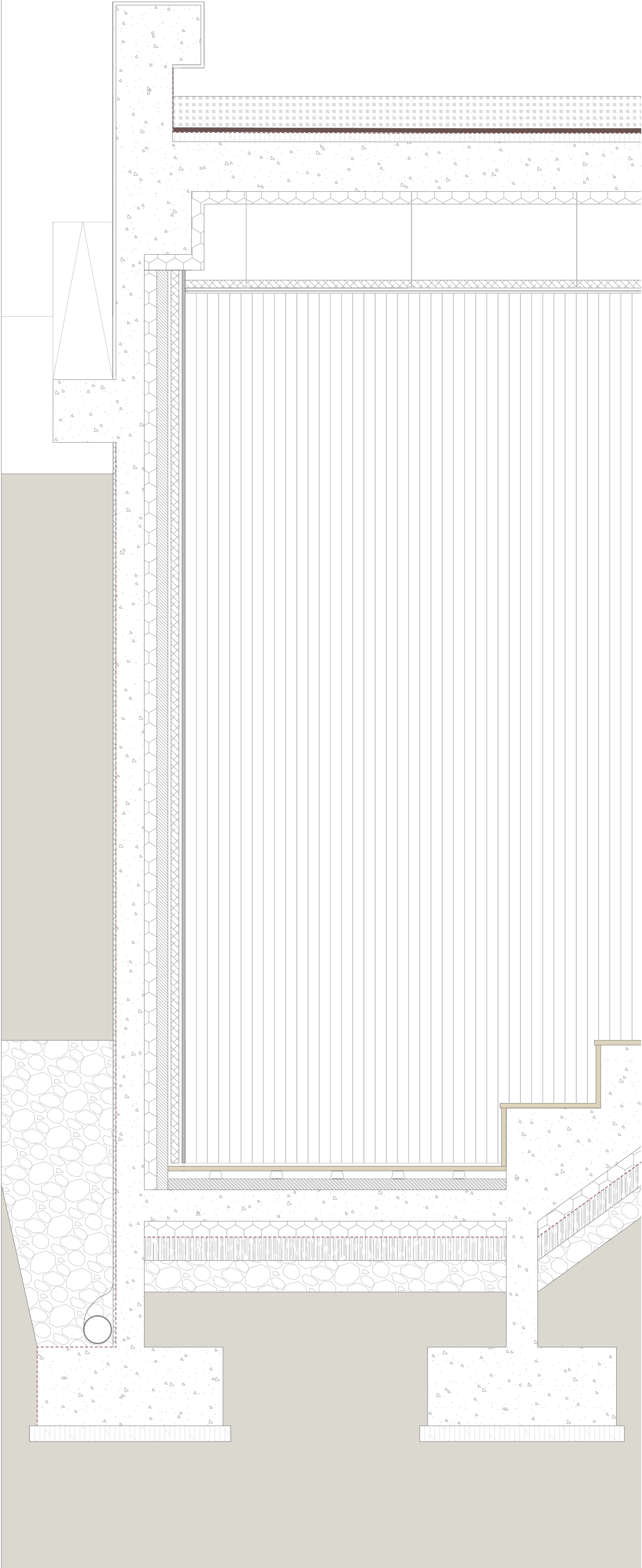
ANEXO 12

ALÇADO A1 E A2  
ESCALA 1:100



ANEXO 13

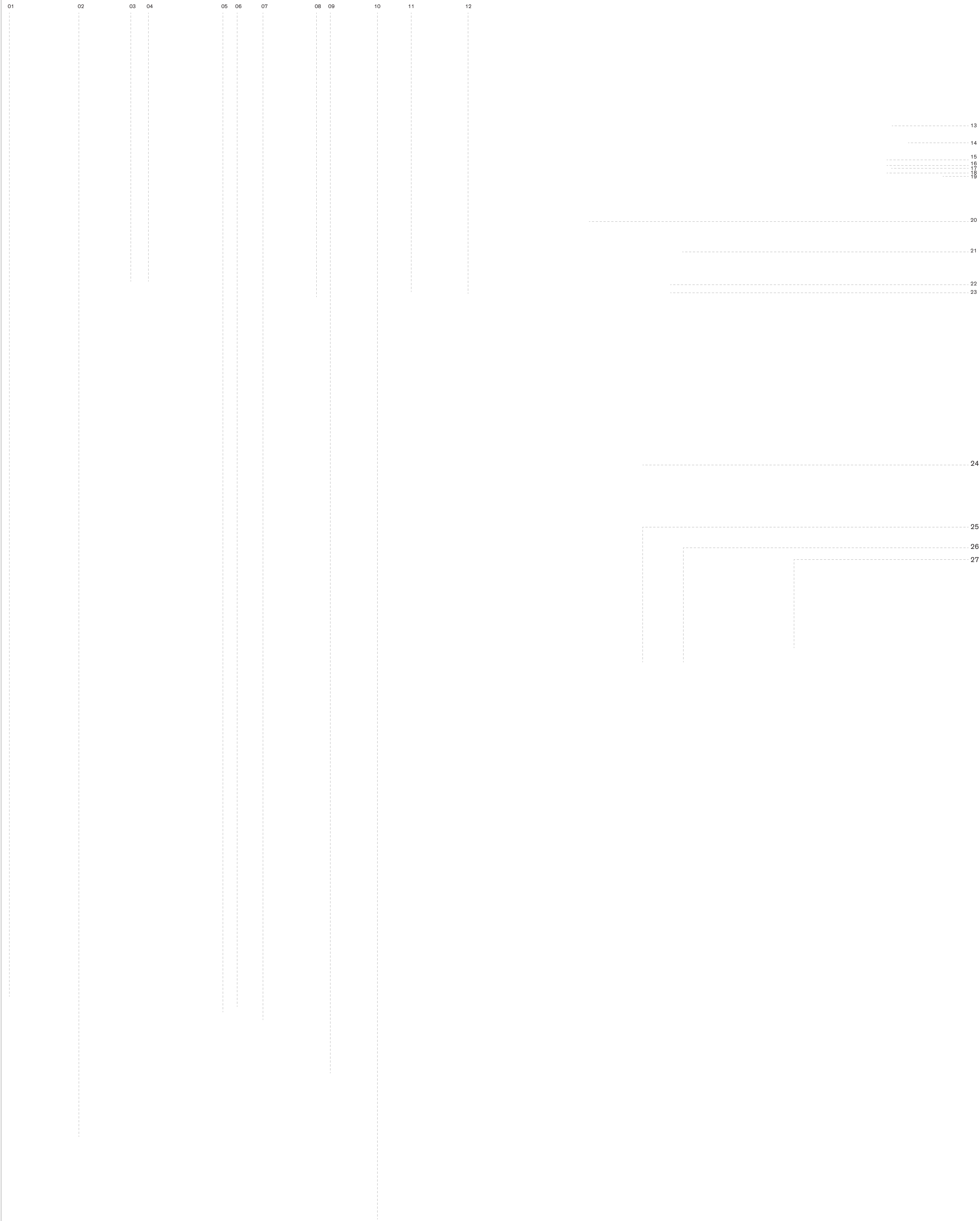
PORMENOR CONSTRUTIVO ESCALA 1.20



PC

- 01- Agregado britado
- 02- Dreno
- 03- Alvenaria tijolo vazado
- 04- Ripado madeira
- 05- Barrote de madeira
- 06- Ripado de madeira
- 07- Betonilha regularização
- 08- Tecto falso em placa de gesso cartonado microperfurado
- 09- Massame de Betão
- 10- Betão de limpeza
- 11- Isolamento acústico
- 12- Suporte tecto falso
- 13- Tela impermeabilizante
- 14- Betão
- 15- Saibro compactado
- 16- Camada Drenante
- 17- Geotêxtil
- 18- Betonilha regularização
- 19- Argamassa de acabamento
- 20- Poliestireno expandido
- 21- Gesso cartonado
- 22- Pré-aro
- 23- Caixilho
- 24- Tubular metálico estrutural 18cm x 8cm
- 25- Sistema Ventilação
- 26- Sistema escoamento de águas
- 27- Placagem de betão

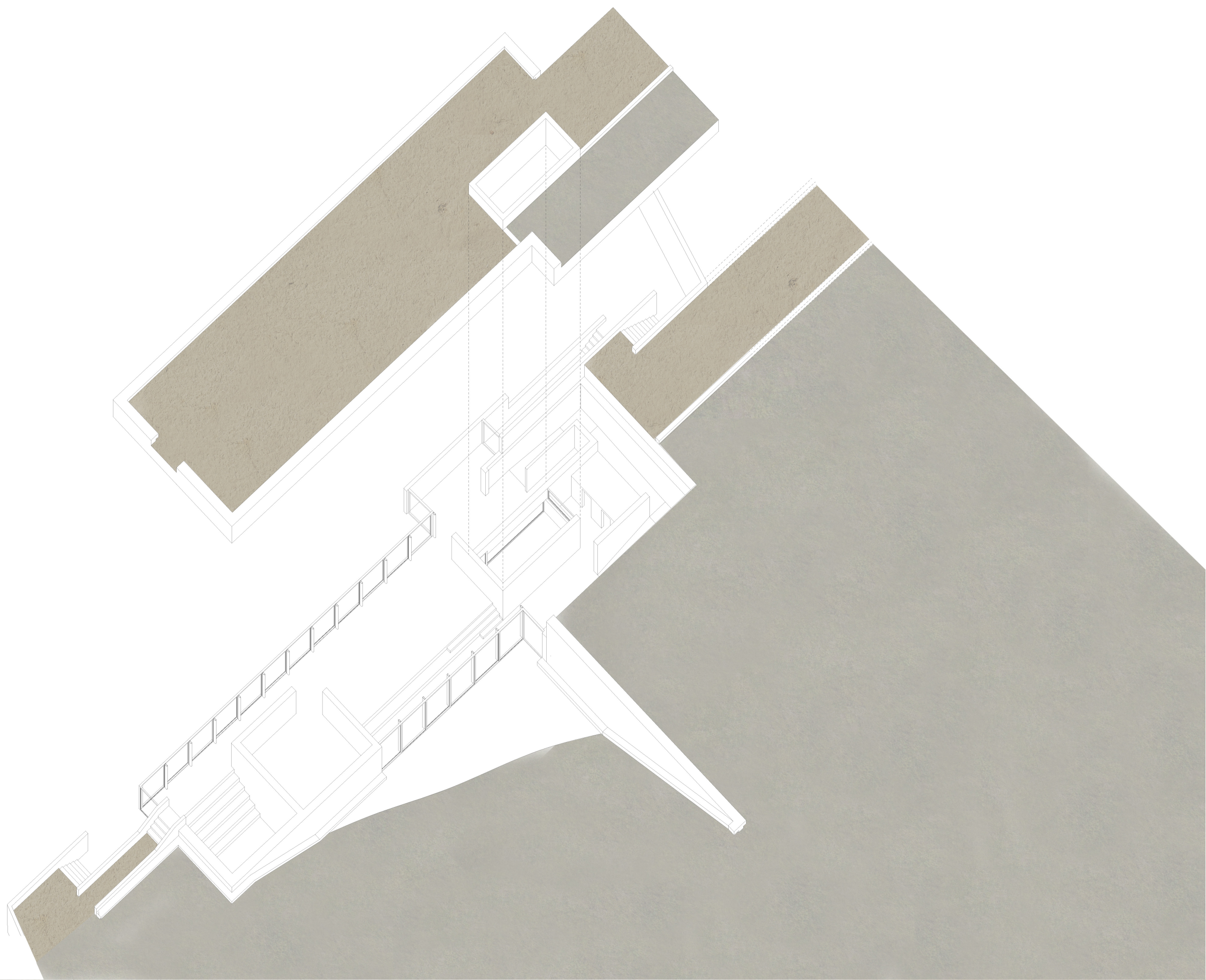






ANEXO 14

AXONOMETRIA



ANEXO 14

FOTOMONTAGEM

